



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ESTUDOS LINGUÍSTICOS - DESCRIÇÃO, ANÁLISE E USOS
LINGUÍSTICOS

GLÁDISSON GARCIA ARAGÃO SOUZA

PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES EM
SERGIPE

SÃO CRISTOVÃO-SE

FEVEREIRO DE 2016

GLÁDISSON GARCIA ARAGÃO SOUZA

PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES EM
SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

SÃO CRISTOVÃO-SE

FEVEREIRO DE 2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S729p Souza, Gládisson Garcia Aragão
Palatização de oclusivas alveolares em Sergipe / Gládisson Garcia Aragão Souza ; orientadora Raquel Meister Ko. Freitag. – São Cristóvão, 2016.
71 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Língua portuguesa - Palatalização. 2. Linguística - Variação. 3. Faixas sergipanas. 4. Aspectos fonético-fonológicos. I. Freitag, Raquel Meister Ko., orient. II. Título.

CDU: 81'344(813.7)

Dissertação defendida por GLÁDISSON GARCIA ARAGÃO DE SOUZA em 25 de fevereiro de 2016 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores relacionados a seguir:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - Orientadora

Profa. Dra. Denise Porto Cardoso
Universidade Federal de Sergipe
Externo ao Programa

Prof. Dr. Miguel José Alves de Oliveira Junior
Universidade Federal de Alagoas
Externo à Instituição

Dedico este trabalho a minha mãe Leonisa, por toda carinho, incentivo e exemplo de persistência, e por acreditar que esse sonho seria possível. Sem ti, nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Enfim, mais uma etapa concluída, foram momentos de entusiasmo, euforia, estresse e, acima de tudo, grande APRENDIZADO.

Dedico esses agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização desse trabalho.

Agradeço a Deus que, em meio às turbulências por que passamos na vida, sempre me mostrou que é necessário seguir em frente com garra, determinação e coragem. Foi essa fé que me possibilitou, assim, alcançar mais um degrau na escalada da vida. Não me refiro apenas ao alcance material, profissional, mas, sobretudo, ao engrandecimento enquanto ser humano – ser mais humano.

A lógica do ser humano, assim, se faz nas diversas áreas pelas quais passamos e que constituem o conjunto indissociável da vida de um indivíduo, seja no âmbito familiar, profissional, espiritual, afetivo, enfim, só podemos nos alegrar diante da real maturidade que conjuga o equilíbrio entre o material e o espiritual. É por isso que minha força maior vem de Deus e, conseqüentemente, das pessoas que, à minha volta, formam a base da minha existência, pois são elas que me dão suporte para/na minha caminhada: familiares, amigos, colegas da universidade e do trabalho, pacientes.

Dedico parte dos agradecimentos à minha orientadora, a professora Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, por todo ensinamento, dedicação, paciência e por me guiar pelo caminho dentro dos estudos da fonética e fonologia e nos estudos da variação linguística. Certamente não me esqueço da nossa primeira reunião, ainda na graduação, quando ela me explicou a variação linguística. À essa mestra na arte do saber, todo carinho, respeito e estima.

À minha família, principalmente, a minha mãe Leonisa que não mede esforços nos momentos que mais preciso para me ajudar a alcançar e conquistar os objetivos que almejo para minha vida. Sempre forte e determinada quando o assunto é a ajuda aos filhos e tão humilde e intensa na arte de amar, pois, sem medir esforços, põe-se como “exército” em ordem de batalha na defesa dos SEUS.

Aos membros da banca examinadora de defesa: a Profa. Dra. Denise Porto Cardoso, o Prof. Dr. Miguel José Alves de Oliveira Junior, por aceitarem o convite para participar deste segundo momento.

Aos informantes do banco de dados *Falares Sergipanos*, por disponibilizarem parte do seu tempo para este estudo.

Ao Manoel Ciro, por fazer parte dessa jornada como de muitas outras, por todo carinho, incentivo e acreditar que tudo seria possível. És responsável por parte dessa história.

Aos amigos Mônica, Ivone, Gilvan e Clériston, que sacrificaram seu tempo para me ajudar nas longas noites em que compartilhamos café.

Às amigas que me acompanham desde a graduação, Emanuelle e Thaís, pela acolhida nos momentos de fugas, por escutar meus desabados, angústias e compartilhar cada momento de felicidade. Representam meu porto seguro.

Aos amigos e companheiros Débora e Flávio, esse percurso não seria o mesmo sem vocês, por todo o conhecimento adquirido juntos, toda a diversão e por compartilhamos os melhores assuntos. A TERNURA dessa amizade foi essencial para que eu seguisse em frente.

À minha querida amiga Sanádia, pela amizade que se fortaleceu durante o mestrado, que essa amizade perdure por longos anos, tua presença tão serena e tão disposta a ajudar foi de grande valia nessa caminhada.

A todos os que contribuíram durante a coleta do Banco de dados *Falares Sergipanos*.

A todos aqueles, que contribuíram para a realização deste trabalho.

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

RESUMO

A variação na realização dos fonemas /t/ e /d/ tem sido objeto de diversos estudos no português brasileiro (HORA, 1990; ABAURRE; PAGOTTO, 2002; PAULA, 2006; BATTISTI et al, 2007; PIRES, 2007; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009; SOUZA NETO, 2014, dentre outros), que sinalizam para o condicionamento diatópico do fenômeno. O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a descrição da variedade do falar sergipano, considerando aspectos fonético-fonológicos de três comunidades linguísticas do estado de Sergipe. Para tanto, tomamos como objeto de estudo a variação das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior não arredondada /i/, onde são produzidas como africadas palato-alveolares (/tʃ/ e /dʒ/) como [tʃia], [dentʃ], [ci'dadʒ], [i'dadʒ] produzidas por informantes de Aracaju, Itabaiana e Lagarto. Para esse estudo, foram tomadas 60 entrevistas sociolinguísticas de universitários do banco de dados Falares Sergipanos, estratificadas quanto ao sexo/gênero e localidade. A pesquisa toma como base a Teoria da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972]; 2008) e a Teoria de Uso (BYBEE, 2001). Para Labov, a língua é assumida como heterogênea, condicionada a restrições no que se refere ao contexto linguístico e social. Segundo a Fonologia de Uso, as mudanças sonoras são fonética e lexicamente graduais. A representação na memória dos indivíduos é afetada pelos tokens, a língua passa por diversas reestruturações, e muda de acordo com as experiências e com o uso. No que remete o processo de variação da palatalização, essa passa por ajustes fonéticos de propriedades e gestos articulatórios. Como resultados, a seleção estatística referente às variáveis linguísticas e extralinguísticas, por ordem de relevância no condicionamento foi a: Grupo geográfico, Contexto Fonológico Precedente; Sexo/Gênero; Entrevistador; Sonoridade; e Posição da Sílabas Tônicas. O grupo geográfico é o que mais favorece a palatalização de oclusivas alveolares: Aracaju e Itabaiana foram os que mais favoreceram a palatalização, o que evidencia a variação diatópica. A consoante sibilante é o fator do contexto fonológico antecedente que mais favorece a palatalização das oclusivas alveolares. Quanto ao Sexo/Gênero, as mulheres palatalizaram com mais frequência que os homens, considerando que mulheres tendem a usar a variante de prestígio, é possível inferir que as mulheres estão conduzindo a mudança. Em relação à variável entrevistador, esse não favorece o efeito gatilho uma vez que os entrevistadores que não palatalizam aparecem mais favorecedores da palatalização. E quanto à variável sonoridade, o fator surdo foi o que mais motivou a palatalização nos grupos geográficos analisados. Em ambas as rodas tal fator mostrou-se mais motivador para a palatalização. E a posição da sílaba tônica, manifestaram mais favoráveis a aplicação da palatalização das oclusivas dentais a postônica não final e a pretônica. Os dados da análise acústica revelam a existência de gradientes entre a produção entre a forma plena e o padrão inovador, o que sugere uma mudança em progresso.

Palavras-chave: Variação Linguística; Palatalização; Falares Sergipanos; Aspectos fonético-fonológicos.

ABSTRACT

The variation in the realization of phonemes /t/ and /d/ has been the subject of several studies in Brazilian Portuguese (HORA, 1990; ABAURRE; PAGOTTO, 2002; PAULA, 2006; BATTISTI et al, 2007; PIRES, 2007; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009; SOUZA NETO, 2014, among others), that signal to diatopic conditioning phenomenon. This work aims to contribute to the description of the variety of speech of Sergipe, considering phonetic-phonological aspects of three language communities of the state of Sergipe. Therefore, let us take as an object of study the variation of the consonants /t/ and /d/ before the high front vowel not rounded /i/, which are produced as palato-alveolar affricates (/tʃ/ e /dʒ/) as [tʃia], [dentaʃ], [ci'dadʒ], [i'dadʒ] produced by informants of Aracaju, Itabaiana and Lizard. For this study, 60 were taken sociolinguistic interviews of university's of Falares Sergipanos. The research builds on the Theory of Sociolinguistics variationist (LABOV, [1972]; 2008), and the Usage-Based Phonology (Bybee, 2001).). For Labov, the language is assumed heterogeneous, conditional upon restrictions with regard to the linguistic context and social context. According to the Usage-Based Phonology, sound changes are phonetically and lexically gradual. The in-memory representation of individuals is affected by the tokens; the language goes through several reorganizations and changes according to the experiences and use. In the refers the process of varying the palatalization, that undergoes adjustments of phonetic properties and articulatory gestures. As results, the statistical selection referring to linguistic and extralinguistic variables in the order of relevance in conditioning was: Geographical Group, Context Phonological Precedent; Sex / Gender; Interviewer; sonority; and Position of Syllable Tonic. The geographic group is that most favors the palatalization of alveolar stops: Aracaju and Itabaiana were the most favored palatalization, which shows the variation diatopic. The consonant sibilant is the factor of the antecedent phonological context that most favors the palatalization of alveolar plosives consonant. As for the Sex / Gender, women palatalizam more often than men, whereas women tend to use the prestige variant, it is possible to infer that women are leading change. The variable interviewer, this does not favor the trigger effect once the interviewer not palatalizam appear more enhancers of palatalization. And as the variable sound, the deaf factor was the most motivated palatalization in geographical groups analyzed. In both wheels this factor was more motivating for palatalization. And the position of the stressed syllable, expressed more favorable application of the palatalization of dental plosives not end posttonic and pretonic. Data from the acoustic analysis revealed the existence of gradients between the production of the full form and the innovative pattern, suggesting a change in progress.

Key-words: Variation Linguistics; Palatalization; speak sergipanos; phonetic-phonological aspects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplar da representação mental da palavra 'vinte' adaptado de Drager, K. and M. J.	19
Figura 2: Conhecimento probabilístico da língua Baseado em Miranda e Guimarães	20
Figura 3: Distribuição da porcentagem da aplicação da palatalização dos fonemas /t/ e /d/	36
Figura 4: Localização do grupo geográfico Aracaju	39
Figura 5: Localização do grupo geográfico Itabaiana	40
Figura 6: Localização do grupo geográfico Lagarto	41
Figura 7: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'mente' (ANG-Fem-LAG)	49
Figura 8: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'vinte' (RAF-Fem-AJU)	50
Figura 9: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'dia' (DAY-Fem-ITA)	50
Figura 10: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'diria' (JOS- Mas-ITA)	51
Figura 11: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'tivo' (ERI-Fem-AJU)	51
Figura 12: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'te' (BIA-Fem-ITA)	52
Figura 13: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'vinte' (END-Mas-AJU)	52
Figura 14: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'tirando' (DAN-Mas-ITA)	52
Figura 15: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'vinte' (ICE- Fem-AJU)	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Valores da extração dos formantes para os grupos geográficos para o contexto nasal	56
Tabela 2: Valores da extração dos formantes para os grupos geográficos para o contexto precedente pausa/vazio	58
Tabela 3: Contexto fonológico precedente	60
Tabela 4: Sonoridade	62
Tabela 5: Tonicidade da Sílabas	62
Tabela 6: Grupo Geográfico	63
Tabela 7: Sexo/gênero	64
Tabela 8: entrevistador	65
Tabela 9: contexto precedente	66
Tabela 10: sonoridade	67
Tabela 11: Tonicidade da sílaba	67
Tabela 12: Entrevistador	68
Tabela 13: Grupo Geográfico	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fonologia de Uso (CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p.13)	22
Quadro 2: Fatores que inibem a variação dos fonemas /t/ e /d/	39
Quadro 3: Comparação acústica entre africada e oclusiva	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Dispersão dos formantes para o contexto precedente nasal valores de F1 e F2.....	57
Gráfico 2: Dispersão dos formante para o contexto precedente Vazio/Pausa, valores de F1XF2.....	58
Gráfico 3: realização da palatalização de oclusivas alveolares informantes de Aracaju	69
Gráfico 4: realização da palatalização de oclusivas alveolares pelos informantes de Itabaiana	70
Gráfico 5: realização da palatalização de oclusivas alveolares pelos informantes de Lagarto	71

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1	Fonologia de Uso	21
2.2	Variação e mudança linguística	24
3	O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS	27
3.1	A Palatalização do ponto de vista fonético-fonológico	28
3.2	A palatalização no português brasileiro.....	29
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4.1	A amostra.....	41
4.1.1	Aracaju	41
4.1.2	Itabaiana.....	42
4.1.3	Lagarto	43
4.2	Variáveis controladas	44
4.2.1	Variável dependente.....	44
4.2.2	Variáveis independentes	44
4.2.2.2	<i>Variáveis extralinguísticas</i>	47
4.3	Coleta de dados	49
4.4	Tratamento estatístico.....	49
5	ANÁLISE DOS DADOS	50
5.1	Análise acústica	50
5.2	Análise variacionista.....	59
5.2.1	Primeira rodada	59
5.2.2	Segunda rodada	65
5.2.3	Distribuição diatópica da variável	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS.....	74

1 INTRODUÇÃO

O processo fonológico da palatalização é resultado de uma mudança articulatória em que o articulador ativo (a língua) levanta em direção ao articulador passivo (palato duro). Conforme apontam Battisti e Dornelles Filho (2012), a característica em questão refere-se ao processo assimilatório em que as consoantes /t/ e /d/ assimilam tal característica articulatória da vogal alta seguinte, /i/, como em tia [tʃia], dia [dʃia], ou [i] derivado de /e/, como em parte [partʃi], onde [ondʃi]. Tal processo assimilatório ocorre também depois da semivogal palatal /j/ (muito, doido) (MOTA, 2008; FREITAG, 2015; FREITAG, ANDRADE, a sair). Entretanto, a ocorrência depois da semivogal palatal /j/ não é foco do presente estudo.

Com base em estudos anteriores, a distribuição da frequência de tal variante pode caracterizar os falantes de um determinado grupo geográfico e funcionar como marca de identidade linguística, um traço que caracteriza certos falantes em face a outros.

Tal identidade pode ser marcada com uma aplicação categórica da variante africada /tʃ/ e /dʃ/, como também uma aplicação categórica da realização como consoante oclusiva /t/ e /d/. A variação entre a realização oclusiva e a realização africada no ambiente linguístico em questão, resultado do processo de palatalização, já foi alvo de diversos pesquisadores nas diferentes regiões do Brasil, como o estudo de Hora (1990), na cidade Alagoinhas-BA; o de Abaurre e Pagotto (2002), nas cidades do Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA e São Paulo/SP; o de Battisti et al, (2007), na cidade de Antônio do Prado-RS; o de Pires (2007), na cidade de Chuí-RS; o de Matte (2009), na cidade de Caxias do Sul-RS; e o estudo de Souza Neto (2014), na cidade de Aracaju.

Neste trabalho, investigamos a variação entre as oclusivas alveolares /t/ e /d/ e das africadas /tʃ/ e /dʃ/ diante da vogal alta anterior não arredondada /i/, no português falado em três comunidades linguísticas do estado de Sergipe (Aracaju, Lagarto e Itabaiana), que compõem a amostra do Banco de Dados *Falares*

*Sergipanos*¹. Aracaju é a capital de Sergipe; Itabaiana e Lagarto são municípios do interior do estado que foram contemplados pelo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que permitiu a implantação de unidades acadêmicas da Universidade Federal de Sergipe nos últimos 10 anos. Este fato ampliou o número de universitários nos municípios, como também propiciou o contato interdialetoal desses jovens, o que pode influenciar na realização do fenômeno como forma de assumir a sua identidade linguística, uma vez que os traços linguísticos compartilhados pelos falantes podem ajudar a identificar os membros de uma mesma comunidade.

A coleta segue um roteiro de entrevista sociolinguística onde os informantes imprimiam sua atitude, experiência perante os questionamentos e a análise está embasada na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972, 2001), que procura explicar o comportamento de um fenômeno variável considerando fatores linguísticos e sociais em uma abordagem probabilística. Há poucos estudos acerca da variação entre oclusivas alveolares e africadas precedidas por /i/ no estado de Sergipe; o estudo de Souza Neto (2014) não distingue o ambiente seguinte (a glide palatal), nem diante da vogal /i/, e refere-se somente a Aracaju. Tomando os resultados obtidos por Souza Neto (2014), a hipótese que guia o nosso estudo é a de que há uma variação diatópica nas comunidades analisadas, e que o fenômeno investigado sinaliza uma mudança em progresso.

Temos como objetivos norteadores do presente estudo:

- a) Identificar qual a realização mais recorrente, se a oclusiva simples ou a oclusiva africada nas comunidades investigadas.
- b) Verificar quais os fatores os linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem o uso da variável.
- c) Identificar qual a comunidade realiza maior aplicação da variável africada

¹ O banco de *Falares Sergipanos* segue a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]. E na Teoria da Variação baseada na prática social (ECKERT, 2000). O banco de dados segue às diretrizes norteadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Sergipe, o qual está vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP, recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas de pesquisa de 0386.0.107.000-11. (FREITAG, 2013)

No presente estudo não se fez uma distinção entre o grau de palatalização, apenas entre as oclusivas simples (/t/ e /d/) e a palatalização de oclusivas alveolares (/tʃ/ e /dʒ/), dessa forma, qualquer grau de palatalização é considerado aplicação da regra.

A dissertação está constituída em 4 capítulos, assim organizados: No **primeiro** é dedicado a introdução e os objetivos que nortearam a presente pesquisa. O **segundo** são apresentados os princípios da Teoria da Variação e Mudança, bem como os conceitos essenciais para a análise variacionista e a revisão bibliográfica de estudos sobre a palatalização /t/ e /d/ diante da vogal /i/ no português brasileiro. O **terceiro** capítulo descreve a metodologia adotada na pesquisa, com ênfase na constituição da amostra pela forma como foram controladas as variáveis linguísticas e extralinguísticas e sua forma de codificação. O **quarto** capítulo apresenta os resultados da análise, que vem seguido das considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 FONOLOGIA DE USO

Para a Fonologia de Uso, a experiência linguística do indivíduo influencia o seu padrão sonoro. Tal teoria, proposta por Bybee (2001), parte da premissa de que a língua é moldada pelo uso, e que a experiência do falante afeta os mecanismos de variação linguística, e a forma a qual os itens lexicais são armazenados. Neste modelo, palavras com significados semelhantes são alojadas umas próximas das outras no léxico mental e, quando uma palavra é acessada, ativa automaticamente outras palavras similares.

Tomamos como ponto de encontro entre a Fonologia de Uso e os estudos Sociolinguísticos o fato de que ambas as teorias consideram o uso social e a interação, como modeladores da língua, pois, de acordo com Freitag (2010, p.41),

O foco na estrutura precisa se suplementado com uma perspectiva que inclua mais que apenas a estrutura; a substância e o uso da língua também devem ser considerados por substâncias, entende-se a forma fonética e a forma semântica e a correlação estabelecida entre estas duas formas via língua, mas os usos sociais e interacionais da língua.

Segundo Miranda e Guimarães (2013), no modelo baseado no uso, a representação cognitiva de uma palavra é constituída por um conjunto de exemplares de palavras vivenciado pelos falantes, e esses exemplares são armazenados em rede de associação entre palavras que mapeia as similitudes nos diferentes níveis, como na figura 1.

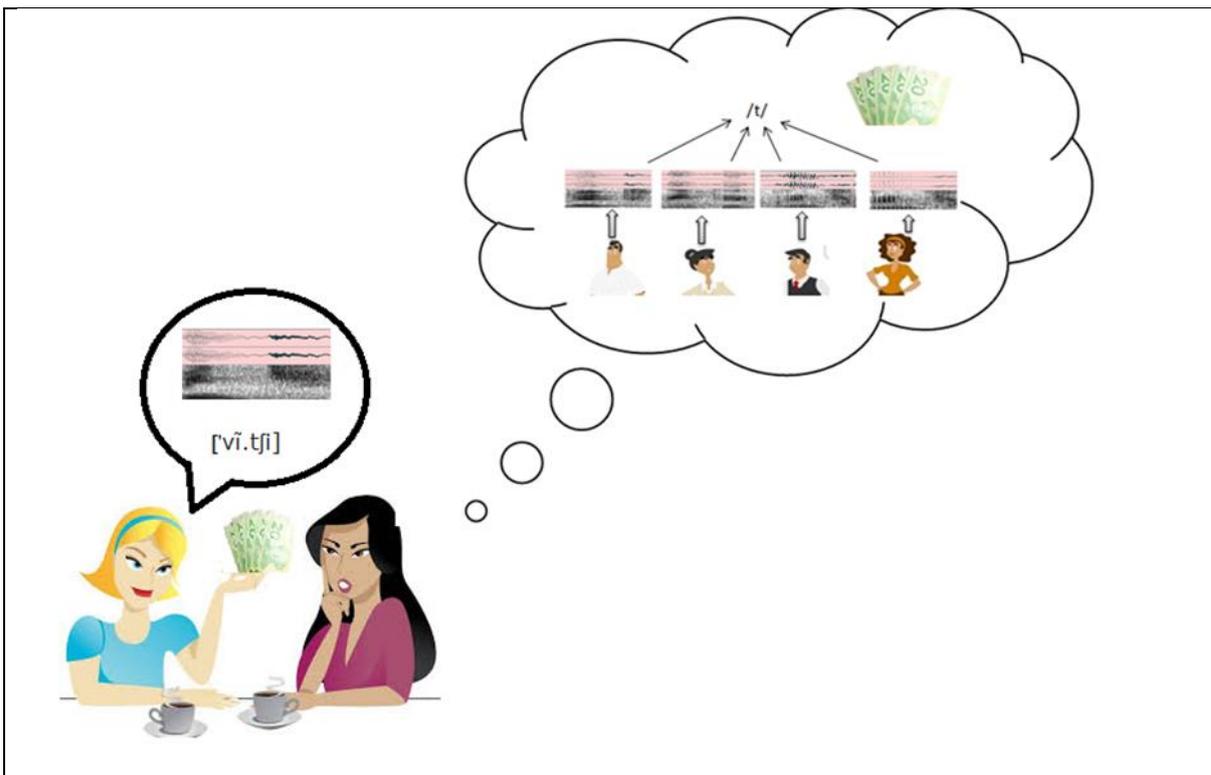


Figura 1: Exemplar da representação mental da palavra 'vinte' adaptado de Drager, K. and M.J. Kirtley (a sair)

Dentro os postulados da Fonologia de Uso, com base em Cristófar-Silva (2002), podemos sumarizar que:

1. Experiência afeta representações
2. Representações mentais de objetos linguísticos têm as mesmas propriedades de representações mentais de outros objetos
3. Categorização é baseada em identidade e em similaridade
4. Generalizações em relação às formas não são separadas de representações (stored representations), e sim emergem a partir das formas.
5. A organização lexical oferece generalizações e segmentações em vários níveis de abstração e generalização
6. O conhecimento gramatical tem caráter de procedimento (procedural knowledge)

Quadro 1: Fonologia de Uso (CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p.13)

A Fonologia de Uso adota o modelo de rede (*network*), ao postular que as palavras são organizadas em redes de associações, sendo agrupadas de acordo com

a identidade ou similaridade fonológica ou semântica (MIRANDA e GUIMARÃES, 2013).

Miranda e Guimarães (2013), com base em Bybee (2001), sugerem que existem duas maneiras de avaliar a frequência na língua, sendo essas a frequência de ocorrência (token) e as frequências de tipo (*type*).

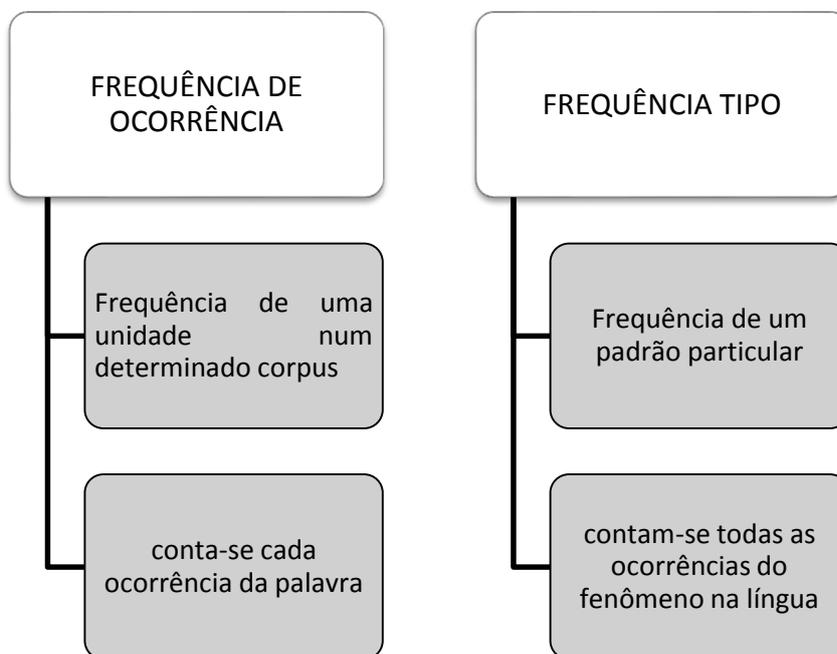


Figura 2: Conhecimento probabilístico da língua Baseado em Miranda e Guimarães (2013)

Na teoria proposta por Bybee (2001), as mudanças sonoras foneticamente motivadas tendem a ser afetadas primeiramente devido à mudança que ocorre com o uso: quanto mais uma palavra é usada, mais chances ela tem de ser modificada. Já as mudanças sonoras sem motivação fonética mudam primeiro devido à pouca frequência, tendo uma representação mais fraca na memória. De acordo com Miranda e Guimarães (2013), os pressupostos teóricos da Fonologia de Uso acrescentam um ponto fundamental ao estudo da variação sonora, ao propor que ela seja representada na memória, ativada e acessada pelo falante/ouvinte.

Dessa forma, considera-se que os indivíduos apresentam representações linguísticas múltiplas, e que a variação linguística armazenada na memória e acessada e atualizada de acordo com a experiência do falante, na medida em que o falante faz uso daquela determinada variante, o indivíduo vai adquirindo traços fonéticos de forma gradual. Miranda e Guimarães (2013), afirmam ainda que a

experiência que o falante tem com a língua e a forma como processa a variação linguística têm impacto na sua representação, na forma como armazena os itens lexicais.

A perspectiva teórica da Fonologia do Uso que assume que a experiência é crucial para a organização do conhecimento linguístico e fonológico, sugere ainda que o conhecimento linguístico seja organizado probabilisticamente (CRISTÓFARO-SILVA, 2011), assim como a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972).

2.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A diversidade linguística no Brasil compreende uma pluralidade no uso do português brasileiro, que se apresenta bastante significativa, tanto regional, quanto social, e deve-se ao fato da dimensão continental do país. Essa ampla variedade do português brasileiro falado apresenta-se em todos os níveis: do fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, discursivo e lexical.

E, também, essa ampla variedade linguística é desvelada cientificamente por meio dos estudos sociolinguísticos, através dos quais é possível a descrição dos padrões de uso de uma comunidade.

Os estudos sociolinguísticos tiveram como principal precursor o linguista norte-americano William Labov, que desenvolveu, em meados da década de 1960, o modelo teórico metodológico da Teoria da Variação e Mudança, conhecida também como Sociolinguística Variacionista. Tal abordagem procura explicar os fenômenos linguísticos considerando a natureza probabilística do sistema.

Os estudos sociolinguísticos tomam por base as relações intrínsecas entre língua e sociedade. Nesta perspectiva, a língua é assumida como heterogênea, uma vez que é variável, e sofre constantes modificações em suas estruturas heterogêneas, fazendo parte do meio cultural e social do indivíduo. A heterogeneidade linguística proporciona ao falante um conjunto de alternativas, que podem ser condicionadas a restrições no que se refere ao contexto linguístico e social. Adotando tal perspectiva defendida por Labov (1972), tomamos a língua como um fenômeno social e cultural, conduzida por normas sociais que regulam o comportamento linguístico, rica em

variações suscetíveis de serem mensuradas e sistematizadas, através do levantamento estatístico das ocorrências variáveis presente no vernáculo dos sujeitos.

O autor ainda afirma que, para compreender o desenvolvimento de variação e mudança linguísticas, deve-se levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre, uma vez que os aspectos sociais operam continuamente sobre a língua.

Assim, a perspectiva Sociolinguística Variacionista tem por objeto de estudo os padrões de comportamentos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala, analisando as relações, a variável linguística e o fator social, sendo o contexto social anterior à fala. Em relação à língua na comunidade de fala o autor destaca que:

A comunidade de fala não está definida por um contrato marcado na utilização de elementos da língua, tanto como pela participação em um conjunto de normas comuns; essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariáveis a níveis específicos de uso (LABOV, 1968, p.120-121) ²

Por comunidade de fala entende-se como um grupo de falantes que não só possuem características linguísticas comuns. A comunidade de fala é aquela em que os falantes compartilham entre si normas comuns e atitudes sociais perante uma língua, levando em conta a uniformidade de padrões linguísticos. Segundo Severo (2008), o conceito laboviano de comunidade de fala está fundamentado em dois aspectos: nas atitudes dos falantes em relação à língua e nas regras gramaticais que eles compartilham entre si. Dessa forma, os membros de uma comunidade necessariamente não precisam apresentar as mesmas características linguísticas, ou seja, não necessitam falar da mesma forma, eles compartilham apenas um conjunto de avaliações sobre a comunidade de fala.

O que distingue uma comunidade de fala de outra são as diferenças gramaticais, e não apenas a frequência de fenômeno variável. Segundo Severo (2008), para Guy, a comunidade de fala se constitui a partir de três critérios:

² The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant to respect to particular levels of usage" (LABOV, 1972, p.120-121).

(i) diferenças de frequência em diferentes comunidades de fala, sendo que o efeito de contexto permanece semelhante; (ii) diferenças em termos do efeito de contexto (observado através de resultados estatísticos traduzidos em pesos relativos) entre as comunidades, o que determinaria diferenças estruturais ao invés de diferenças simplesmente quantitativas (GUY, 2001, *apud* SEVERO, 2008, p. 4).

Uma comunidade de fala é constituída por falantes que compartilham traços linguísticos entre si que os caracterizam frente a outras comunidades; esses falantes mantêm uma alta “frequência de comunicação entre si” e compartilham das mesmas normas e atitudes em relação ao uso da língua.

Os estudos sociolinguísticos em comunidades de fala têm como objetivo analisar e descrever as principais características que um grupo de indivíduos pertencentes à mesma comunidade de fala compartilham entre si, e quais os fatores que influenciam na variação e na mudança linguística.

Como a língua não é propriedade do indivíduo, e sim da comunidade, a partir do estudo na comunidade de fala, é possível estabelecer quais as normas linguísticas que os informantes compartilham entre si, especialmente no que diz respeito à realização variável entre as oclusivas e as africadas palato-alveolares em Sergipe, considerando as três comunidades de fala sob análise e o que as distingue uma das outras no tocante a esta variação.

3 O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS

Do ponto de vista fonético-articulatório, as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ apresentam dois pontos distintos de articulação: o alveolar e o dental. Tais consoantes diferem-se apenas quanto ao seu articulador passivo, uma vez que a dental apresenta como articulador passivo os dentes incisivos superiores, enquanto as consoantes alveolares apresentam os alvéolos como articuladores passivos (CRISTÓFARO-SILVA, 2007).

No português brasileiro, tais consoantes, nas mais diferentes regiões geográficas do país, apresentam-se em processo de variação, com realizações alofônicas decorrentes da mudança articulatória dos fonemas /t/ e /d/ como africadas /tʃ/ e /dʒ/, em função da palatalização, processo que envolve a mudança do ponto de articulação de um segmento fônico que passa a ser articulado ao nível da região do palato duro.

No português brasileiro, as consoantes oclusivas /t/ e /d/ são passíveis de processos de palatalização como africadas alveolares [ts] e [dz], além da seguinte à vogal alta anterior, as africadas palatais, identificadas também como ‘africadas baianas’ (MOTA, 2008; FREITAG, 2015), antecedidas por glide palatal /j/, como nas palavras [pejtʃu], [dojdʒu]. Contudo, o foco do nosso estudo trata apenas das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior não arredondada /i/, como o caso de [tʃia], [dʒia].

Segundo Cristófaros-Silva (2012), a palatalização tem se configurado um caso bastante rico e multifacetado para o estudo da variação e mudança do português brasileiro. Silva (2009, p. 14) destaca que "as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ frequentemente apresentam variação, mais especificamente nos contextos em que são seguidos pela vogal alta anterior [i], e pela semivogal [y], ou proveniente da elevação de vogal média /e/, como nos exemplos tinta/dívida, pátio/médio e antes/verdade, respectivamente" (SILVA, 2009, p. 14).

De acordo com Monaretto, Quednau e Hora (2001), no português brasileiro, o processo de palatalização configura-se como uma variação alofônica que vem se espalhando rapidamente no país. Trata-se de um fenômeno fonológico variável sujeito

aos condicionamentos das variáveis linguísticas e sociais, e vem apresentando uma forte correspondência entre variação e identidade.

A escolha pelo estudo da palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta anterior não arredondada /i/, deve-se ao fato da não existência de um estudo que foque apenas tal variante no estado de Sergipe, uma vez que os estudos já realizados não fazem uma distinção entre as formas de palatalização, agrupando em uma única categoria como é o caso de Souza Neto (2014), ou ainda o estudo de Mota (2008), com a palatalização em contextos antecidos de glide /j/, ambos na cidade de Aracaju, e Freitag (2015), com a palatalização em contextos antecidos de glide /j/ em Lagarto.

3.1 A PALATALIZAÇÃO DO PONTO DE VISTA FONÉTICO-FONOLÓGICO

Segundo Câmara Jr (1977, p. 186), “a palatalização é uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”. O autor afirma ainda que historicamente o processo da palatalização foi responsável pelo surgimento de quatro consoantes no sistema fonológico latino /ʎ/, /ç/, /ʝ/, /ɟ/. Do ponto de vista fonológico, a palatalização configura-se como um fenômeno em que ocorre um processo assimilatório sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal (DUBOIS, 1973).

O processo de palatalização envolve dois estágios: O primeiro palataliza a consoante, criando uma articulação secundária (ti > tj / di > dj). O segundo cria africadas palato-dento-alveolar /tʃ/ e /dʒ/, que se tornam uma articulação primária, bifurcando-se em duas raízes (BISOL; HORA, 1993).

No que se refere às oclusivas dentais /t/ e /d/, o seu processo de palatalização se dá através de um processo assimilatório sob a influência da vogal [i] ou do glide [y] (CÂMARA Jr, 1976). A característica fonético-articulatória em questão é o emprego da lâmina/corpo da língua na articulação do segmento.

3.2 A PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A palatalização variável das oclusivas dentais no português brasileiro tem sido alvo de estudo de diversos pesquisadores nas mais diferentes regiões do Brasil (HORA, 1990; ABAURRE; PAGOTTO, 2002; PAULA, 2006; BATTISTI et al, 2007; PIRES, 2007; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009; SOUZA NETO, 2014, dentre outros)

Hora (1990) analisou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ com informantes da comunidade de Alagoinhas (Bahia), em amostra de fala constituída através de entrevistas realizadas com 70 informantes. O autor tinha por objetivo analisar quais as circunstâncias linguísticas que favoreciam a ocorrência da variável palatalização, quais falantes realizam mais a aplicação e se essa aplicação constituía uma marca de prestígio ou de estigma.

As variáveis controladas foram: Classe Social, Estilo, Idade e Sexo (variáveis sociais); e Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Tonicidade, Contexto Fonológico Simultâneo à Vogal, Posição e Sonoridade (variáveis linguísticas). Nos seus resultados, Hora constatou que os falantes com classe social mais elevada realizam maior aplicação da regra da palatalização, os falantes da classe A realizaram uma aplicação com peso relativo de 0,56 e a classe B de 0,55, enquanto os falantes da classe C inibem a aplicação com peso relativo de 0,39. O autor observou ainda que os indivíduos com escolaridade mais elevada realizavam maior aplicação da regra. Quanto a variável faixa etária, os indivíduos com menos de 47 realizam maior aplicação da regra com 0,53 de peso relativo, o autor observou ainda que a regra apresenta índice mais elevado em Estilos Formais de comunicação com peso relativo de 0,55. Quanto à variável sexo, os valores obtidos não mostraram valores expressivos entre homens e mulheres com valor próximo do ponto neutro.

No tocante às variáveis linguísticas, no Contexto Precedente destacou-se a vogal nasal com peso relativo de .66 como a que mais favorece a aplicação da regra, no Contexto Seguinte a vogal alta apareceu como a que mais favorece a aplicação com peso relativo de 0,66. A terceira variável selecionada na rodada com resultados mais significativos destacou a Tonicidade o clítico apareceu como o que mais favorece a palatalização expressando um peso relativo de 0,67.

Hora (1990) conclui que os informantes de classe média alta são os mais favoráveis à aplicação da palatalização na comunidade estudada, que o estilo formal ocorre maior aplicação, sendo os falantes jovens os que mais realizam a palatalização. O autor destaca ainda que, apesar de a variável sexo não apresentar diferença estatisticamente significativa, o sexo feminino realiza maior palatalização que o sexo masculino. Conclui, por fim, que a forma despalatalizada sofre maior discriminação e que sua ocorrência apresenta valores mais elevados na classe baixa.

Abaurre e Pagotto (2002) investigaram cinco capitais brasileiras representadas na amostra do NURC (Porto Alegre-RS, Recife-PE, Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA e São Paulo-SP) tendo como objetivo analisar o modo o qual está sendo aplicada a regra da variável de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal [i]. Foram utilizados dados provenientes de 30 inquéritos, sendo tomados apenas dez minutos de cada um deles.

Foram controladas as variáveis extralinguísticas: idade, tipo de inquérito, grupo geográfico e sexo; e as variáveis linguísticas sonoridade, contexto precedente, contexto seguinte, natureza do contexto seguinte à vogal [i], posição da sílaba na palavra, posição da sílaba com relação à tônica, sílaba portadora de acento de frase, posição morfológica, classe de palavra.

Nos resultados, quanto à variável faixa etária, os informantes com idade entre 36 e 55 anos realizaram maior aplicação da palatalização. Quanto à variável grupo geográfico os fatores Rio de Janeiro, com percentual de 100%, Salvador, com porcentagem de 94%, e São Paulo com 84%, foram os mais favoráveis à aplicação da variável; enquanto Porto Alegre, atingiu um percentual de 18%, e Recife, com percentual 5%, foram os que menos realizaram a palatalização das oclusivas dentais. No que remete a variável sonoridade a variante surda /t/ apareceu como fator favorável a aplicação da regra com 0,63. Os autores destacaram ainda que a fricativa [s] aciona a elisão de /e/ inibindo a aplicação da de palatalização das oclusivas dentais.

Paula (2006) analisou a variação das oclusivas dentais [t, d], seguidas da vogal alta /i/ nas comunidades linguísticas de Taquara e Panambi (RS). A amostra foi constituída por 24 informantes do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul). O corpus foi composto por dados coletados em épocas distintas, com

aproximadamente duas décadas de distância entre a coleta de uma e outra amostra. A amostra totaliza 12 informantes de cada uma das comunidades de fala, com idade entre 33 a 72 anos, sendo metade do sexo masculino e metade do sexo feminino, com diferentes níveis de escolaridade, agrupados em três grupos por faixa etária de 33 a 44 anos, de 44 a 55 anos e de 55 a 72. Foram controladas as variáveis linguísticas: contexto precedente, contexto seguinte, sonoridade, tonicidade e o tipo de vogal alta.

Os informantes da comunidade de Taquara apresentaram um percentual de 43% de aplicação da regra da palatalização. Em sua análise, Paula (2006) destaca que todos os informantes realizam a aplicação da regra da palatalização. No que refere à tonicidade da sílaba, as posições pretônicas não iniciais, com peso relativo de 0,64, e pretônica inicial, com 0,63, são as que mais favorecem a aplicação da regra, enquanto a posição monossílaba átona inibe a aplicação da palatalização, com peso relativo de 0,34.

Quanto à idade, os resultados indicam que os falantes com idade mais baixa são os que mais realizam a aplicação da regra da palatalização, com peso relativo de 0,66; enquanto os indivíduos da faixa etária intermediária, com idade entre 44 a 55 anos, tendem a inibir a palatalização das oclusivas dentais, com peso relativo de 0,29.

Quanto à sonoridade, a aplicação da regra da palatalização é condicionada pela consoante surda /t/, com peso relativo de 0,61. Quanto ao tipo de Vogal Alta, a vogal alta não derivada é a que mais favorece a aplicação da regra da palatalização, com 0,66. Quanto ao Contexto Seguinte, os resultados apontam a consoante lateral como a que mais favorece a aplicação da regra, com peso de 0,64, enquanto a consoante dental, com 0,34, e a fricativa alveolar, com 0,35, tendem a inibir a palatalização. Quanto ao contexto precedente, os resultados mostram que a consoante nasal, com peso relativo de 0,56, como a que mais propícia à palatalização, enquanto a lateral, com peso de 0,38, tende a inibir a ocorrência da palatalização.

Na comunidade de Panambi, a aplicação da regra da palatalização atingiu um percentual de 32%. Quanto à variável tonicidade, a pós-tônica não final, com peso relativo de 0,90, é a que mais favorece a aplicação da regra, seguida da pretônica não inicial, com 0,88, a tônica e a pretônica inicial, com peso de 0,77. Os resultados

mostram que a monossílaba átona tende a inibir a aplicação, com peso de 0,08. Quanto à sonoridade, a consoante surda aparece como a mais favorecedora à aplicação da regra da palatalização, com 0,65 do que a sonora, com peso relativo de 0,36. No tipo de vogal alta, a vogal alta não derivada, com peso de 0,81, é a que mais favorece a aplicação da regra, enquanto a derivada mostra-se inibidora. No tocante ao contexto seguinte, o contexto que mais favorece a aplicação da regra da palatalização é o da vogal, com peso de 0,63, seguido da palatal, com 0,62. Já os fatores fricativos alveolares, com 9,38, e o contexto vazio, com peso de 0,34, apresentam-se como inibidores da aplicação da regra.

A investigação de Battisti et al. (2007) tem como foco o processo de produção dos fonemas /t/ e /t/ no município de Antônio do Prado. Foram utilizadas 48 entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados da Fala da Serra Gaúcha, UCAS (BDSer), sendo 24 informantes da de zona rural e 24 de zona urbana, do sexo masculino e feminino e de quatro faixas etárias (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 70 ou mais anos). Foram controladas as variáveis extralinguísticas sexo, idade e local de residência; e as variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Status da Vogal Alta (fonética ou fonológica), Posição da Sílabas na Palavra e Tonicidade da Sílabas.

Como resultado, foi identificado 29% de aplicação da palatalização das oclusivas alveolares. Dentre as variáveis controladas, mostraram-se estatisticamente significativas as variáveis sociais Idade e Local de Residência, e a variável linguística Status da Vogal Alta. No que se refere à variável Idade, os indivíduos com idade entre 15 e 30 anos apresentaram maior tendência à aplicação da regra da palatalização, com peso relativo de 0,76; os indivíduos com idade entre 31 e 50 anos apresentaram valor próximo com peso relativo de 0,75. A faixa etária de 51 a 70 anos apresenta papel neutro na aplicação da regra com peso de 0,46; já os informantes com 70 ou mais anos inibem a aplicação da regra da palatalização, com peso de 0,09. Quanto à variável local de residência urbano-rural, os dados apresentam resultados estatisticamente significativos: os indivíduos da zona urbana apresentam uma aplicação da regra de 0,61 de peso relativo, enquanto os indivíduos da zona rural tendem à aplicação com peso de 0,38.

No tocante à variável linguística Status da Vogal Alta, a vogal alta fonológica é a que mais favorece a aplicação da regra da palatalização, com peso relativo de 0,88, ao passo que a alta fonética inibe a aplicação da regra, com peso de 0,24.

Pires (2007) estudou a variação das oclusivas dentais seguidas de [i] na comunidade de São Borja (Rio Grande do Sul). A amostra foi constituída por entrevistas sociolinguísticas de 24 informantes do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul). Foram controladas as variáveis linguísticas: Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Nasalidade da Vogal Alta, Sonoridade, Tonicidade da Sílabas e o Tipo de vogal Alta. As variáveis extralinguísticas controladas foram selecionadas com base em três critérios de estratificação do banco de dados: idade, escolaridade e sexo.

A análise dos dados evidenciou que na comunidade em análise o fenômeno variável da palatalização encontra-se em fase de expansão, e que tal variação é resultado de uma regra variável, condicionada por fatores sociais e linguísticos. As variáveis linguísticas e extralinguísticas que exercem maior influência, por ordem de relevância, são: o Tipo de Vogal Alta; Sexo; Idade; Tonicidade da Sílabas; Escolaridade; Contexto Seguinte; Sonoridade da Oclusiva.

A variável Tipo de Vogal Alta indicou o fator vogal não derivada, com peso relativo de 0,72, como o mais favorecedor à aplicação da regra. A segunda mais relevante foi a variável Sexo, mostrando que o fenômeno ocorre predominantemente na fala das mulheres, com peso relativo de 0,64. A variável Idade apareceu como a terceira mais relevante, sendo a aplicação da regra ocorrer em maior proporção pelos falantes mais jovens com idade inferior a 50 anos, com peso relativo de 0,58, sugerindo a existência de uma mudança em progresso. A quarta mais relevante, a variável Tonicidade da Sílabas, mostrou que as posições pretônicas, com peso relativo de 0,63, são as que mais favorecem a palatalização. A variável Escolaridade mostrou que os indivíduos com maior grau de instrução (ensino médio), com peso relativo de 0,55, tendem à maior aplicação da regra. Considerando o Contexto Seguinte, as consoantes palatais, com peso relativo de 0,57, e velar, com peso relativo de 0,61, e vogal, com peso relativo de 0,54, são mais ser mais favorecedoras à aplicação da palatalização. A variável Sonoridade da Oclusiva aparece como a última mais

relevante, e mostra que a consoante surda /t/, com peso relativo de 0,53, é mais propícia à palatalização do que a sonora.

Dutra (2007) realizou uma análise em tempo aparente das oclusivas dentais seguidas de [i] e de [j], no português falado na cidade do Chuí (RS). Os dados foram coletados através de narrativas de experiência pessoal, a partir da amostra de 24 informantes distribuídos quanto à variável sexo (12 informantes do sexo masculino e 12 informantes do sexo feminino), três faixas etárias (de 16 a 25, de 26 a 49 e com idade superior a 50 anos) e duas escolaridades (12 informantes possuíam o ensino fundamental e 12 com ensino médio).

Foram controladas as variáveis: linguísticas contexto precedente, localização do contexto precedente, contexto seguinte, localização do contexto seguinte, tonicidade, sonoridade, tipo de vogal alta, tipo de sintagma. Na comunidade investigada, as variantes oclusivas [t, d] atingiram um percentual de 73% das ocorrências.

No referente às variáveis linguísticas, no tipo de Vogal Alta, o fator vogal derivada, com 0,56, é o que mais favorece a aplicação da regra da palatalização. Quanto à tonicidade, as sílabas pretônicas iniciais, com peso relativo de 0,61, bem como a tônica inicial, com peso de 0,57, mostram-se como os fatores mais significativos para aplicação da regra da palatalização. No grupo de fatores contexto precedente, ocorreu maior aplicação da palatalização quando as oclusivas estavam precedidas do fator ditongo decrescente [ej], com peso de 0,74, seguido pelo fator vogal central nasal [ã], com peso relativo de 0,74. Na variável contexto seguinte, os fatores velar e alveopalatal foram os que mais motivaram a aplicação da palatalização, com peso de 0,64. Quanto à sonoridade, o fator [-voz] foi o que mais favoreceu a regra da palatalização com peso de 0,58.

E, quanto às variáveis sociais, o fator ensino fundamental foi nível de escolaridade o que mais se destacou no uso da variável, com peso de 0,78. Seguindo a ordem de relevância estabelecida, os informantes do sexo masculino, com peso de 0,72, foram os que mais realizaram aplicação da palatalização. Na variável faixa etária, os informantes mais jovens, com idade entre 16 e 25 anos, foram os que mais realizaram aplicação da regra da palatalização das oclusivas dentais, com peso de 0,71.

Matté (2009) estudou a palatalização variável de /t/ e /d/ na cidade de Caxias do Sul - RS, em 16 entrevistas sociolinguísticas constituintes do BDSer, dos quais oito informantes eram do sexo masculino e oito do sexo feminino. Quanto ao local da residência, oito informantes moravam na zona urbana e oito na zona rural. Os informantes estavam divididos em quatro faixa etária, de 18-30 anos, 31-50 anos, 51-70 anos e 71 ou mais anos. Foram controladas as variáveis extralinguísticas sexo, idade e local de residência; e as variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Status da Vogal Alta, Posição da Sílabas na Palavra, Tonicidade da Sílabas e Qualidade da Consoante-Alvo.

Matté (2009) encontrou resultados próximos aos de Battisti (2007); a aplicação da regra da palatalização em Caxias do Sul foi de 35%. No que se refere à idade, os indivíduos mais jovens, com idade entre 18 e 30 anos, bem como os com idade entre 31 e 50, favorecem o uso da regra da palatalização, com peso relativo, respectivamente, de 0,93 e 0,85, ao passo que os informantes com mais de 50 anos tendem inibir o uso da variável, com peso de 0,08. Os falantes da zona urbana realizam maior aplicação da regra da palatalização, com peso de 0,80.

No que se refere às variáveis linguísticas, no Status da Vogal Alta, a alta fonológica favorece a aplicação da regra da palatalização, com peso de 0,91, ao passo que a alta fonética inibe, com peso de 0,20. No que se refere à tonicidade o fator tônica é a que mais favorece a aplicação da regra da palatalização, com peso de 0,75. Quanto ao sexo, os resultados mostram que as mulheres palatalizam mais do que os homens, com peso de 0,63. Já no que se refere à Posição da Sílabas na palavra, o fator medial condiciona a palatalização, seguido de inicial e final, com pesos relativos, respectivamente, de 0,63, 0,55 e 0,51. Quanto à variável qualidade da consoante alvo, a consoante desvozeada /t/ favorece a palatalização, com peso de 0,57, enquanto a vozeada /d/, com peso de 0,44, inibe. No tocante ao contexto fonológico seguinte, o fator vogal condiciona a palatalização com peso de 0,64. Matté (2009) conclui que a vogal alta fonológica /i/ e a consoante desvozeada /t/ condicionam a regra, assim como as faixas etárias mais jovens, os moradores da zona urbana e o sexo feminino.

Souza Neto (2014) analisou a realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE. Constituíram a amostra falantes nascidos em Aracaju, com pais também aracajuanos, e que não estivessem se afastado de sua cidade por tempo superior a

dois anos, foram selecionados 16 aracajuanos, constituindo 9 grupos de 4 indivíduos, de acordo com sexo, idade e a renda familiar em salário mínimo. Destacamos ainda a relevância do presente estudo para a nossa análise, uma vez que foi realizado no mesmo escopo geográfico que umas de nossas amostras, servindo como base comparativa.

As gravações foram realizadas em situações de uso espontâneo, seguindo um guia de relato, com duração de 1:23 segundos e 127 minutos. Foram controladas as variáveis internas contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e a tonicidade da sílaba, e as variáveis externas sexo, idade e renda familiar.

Souza Neto (2014) foi a consoante surda [t] apresenta maior aplicação da palatalização com 17%, enquanto a consoante sonora apresenta apenas 6% de aplicação. Constata que o maior número de ocorrências de [d] foi encontrado na presença do [i] no contexto seguinte, e o menor número de ocorrências de [d] foi encontrado na ausência de [i] no contexto seguinte. Os maiores números de [dj] foram encontrados na ausência de [j] ou [i] no contexto precedente, na presença de [i] no contexto seguinte e em sílabas átonas. O maior percentual de ocorrências de [dj] foi encontrado na ausência de [i] no contexto seguinte. Segundo Souza Neto (2014), o uso da variante palatalizada [dj] tem maior aplicação na presença de [i] no contexto seguinte, em sílaba átona.

A variante [d] é mais frequente em todos os fatores externos, e os percentuais mais elevados de manutenção da variante oclusiva simples [d] foram encontrados na fala de pessoas com idade entre 22 a 49 anos, e de pessoas com renda familiar de até 02 salários, enquanto a variante [dj] tem maior aplicação na fala dos indivíduos com idade entre 8 e 21 anos. Para o autor, a variante oclusiva simples ([d]) é a que melhor representa a fala dos aracajuanos.

Souza Neto (2014) destaca que o contexto precedente vazio favorece a ocorrência do [d] com peso relativo de 0,54, e que o contexto precedente com a presença de [i] e [j] favorecem a palatalização com peso de 0,21 e 0,16 respectivamente. Quanto ao contexto seguinte, à presença do [i] favorece a ocorrência da variável não palatalizada, já a sua ausência favorece a regra da palatalização. No tocante a variante palatalizada [dj] é mais frequente no falar aracajuano quando no ambiente fonológico com a vogal /i/ no contexto precedente.

Quanto à tonicidade da sílaba, a átona favorece a ocorrência da variável [d] não palatalizada com peso de 0,53, enquanto a tônica favorece a palatalização

com peso relativo de 0,34. O contexto fonológico [i] favorece a ocorrência da variante palatalizada em jovens de 8 a 21 anos, com renda superior a 10 salários com peso de 0,11. O contexto fonológico precedente [j] favorece a aplicação da variável palatalizada nos mais jovens que nos mais velhos. A presença da aproximante [j] no contexto precedente e com [i] no contexto seguinte a oclusiva simples ([d]) tem frequência superior as variantes palatalizadas [dj]. A variante [d] não palatalizada é favorecida pelo uso da vogal [i] no contexto precedente e seguinte.

No que se refere à oclusiva [t] ocorre uma prevalência para a ocorrência da variável não palatalizada com 83% de ocorrência da variante simples. O contexto precedente com ausência do [i] e do [j] favorece a ocorrência da variante não palatalizada com 0,66, ao passo que a [j] e [i] inibe tal variante com peso respectivo de 0,37 e 0,14. O contexto seguinte com presença de [i] favorece a ocorrência da variante não palatalizada com peso de 0,59, ao passo que o contexto seguinte sem o [i] inibe com peso de 0,18.

Quanto à variável sexo, as falantes mulheres favorecem a ocorrência da variante simples, com peso de 0,60, enquanto a variante palatalizada [tj] é mais recorrente na fala dos aracajuanos do sexo masculino, com peso de 0,44. Os falantes com idade entre 22 e 50 anos favorecem a variante simples [t] com peso de .80, enquanto, os aracajuanos com idade de 8 a 21 e com mais de 50 anos realizam maior aplicação da variante palatalizada [tj] com peso de 0,34. A variante [t] segundo o autor representa melhor o falar aracajuano, contudo, a variante palatalizada [tj] estão associados a juízos de valores positivos.

O contexto precedente [j] favorece a aplicação da oclusiva não palatalizada pelas mulheres, enquanto para os homens desfavorece. Tal contexto precedente favorece a aplicação da regra da palatalização para os falantes com idade superior a 50 anos. O autor destaca que a variação está progredindo mais para a variação [t] e [tj] que na variação [d] e [dj].

O ambiente fonológico com o aproximante [j] no contexto precedente coincidentemente com [i] no contexto seguinte favorece a aplicação da regra da palatalização. Os falantes de 22 a 49 anos inibem a aplicação da regra da variável, faixa etária em que a variável [t] alcança seu ponto mais elevado, 0,91. Quanto à tonicidade, a sílaba tônica favorece a ocorrência da oclusiva simples, ao passo que a átona inibe tal ocorrência. No ambiente com [i] no contexto precedente e no contexto seguinte simultaneamente, a sílaba tônica inibe a ocorrência da palatalização.

Ao final, o autor destaca que o contexto fonológico é aquele que exerce maior influência sobre a variação da palatalização, que a variável tonicidade da sílaba não demonstra relevância na maior parte dos contextos, e que a idade dos falantes e a classe da renda familiar são os que exercem maior influência sobre a variação investigada, e que a presença da aproximante [j] no contexto precedente, a faixa etária entre 8 e 21 anos são os fatores que mais promove a aplicação da regra da palatalização.

Na figura 3 temos o mapa com a porcentagem de aplicação da palatalização das consoantes /t/ e /d/ nos estudos revisados.



Figura 3: Distribuição da porcentagem da aplicação da palatalização dos fonemas /t/ e /d/

Apresenta-se a seguir os quadros comparativos com a síntese dos resultados que favorecem a variação dos fonemas /t/ e /d/, a fim de sintetizar quais os fatores que favorecem e quais os fatores que inibem a palatalização.

Quadro 2: Fatores que favorecem a da palatalização dos fonemas /t/ e /d/

AUTORES	COMUNIDADE LINGUÍSTICA INVESTIGADA	FATORES FAVORÁVEIS A APLICAÇÃO DA REGRA
HORA (1990)	Alagoinhas - BA	Classe social mais elevada, escolaridade, idade inferior a 47 anos, estilos formais de comunicação
ABAURRE E PAGOTTO (2002)	Porto Alegre-RS, Recife-PE, Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA e São Paulo-SP	Idade entre 36 e 55, Rio de Janeiro e Salvador, variante surda /t/
PAULA (2006)	Taquara e Panambi (RS)	Pretônica não-inicial, pretônica inicial, idade inferior a 44 anos, consoante surda /t/, vogal alta não-derivada, consoante lateral em contexto seguinte, consoante nasal, pós-tônica não-final, pretônica não-inicial, tônica e a pretônica inicial.
BATTISTI et al (2007)	Antônio do Prado-RS	Idade entre 15 e 30, zona urbana, vogal alta fonológica.
PIRES (2007)	São Borja-RS	Vogal não derivada, Mulheres, idade inferior a 50 anos, posição pretônica, ensino médio, consoantes palatal, velar, vogal em contexto seguinte; consoante surda /t/.
DUTRA (2007)	Chuí-RS	Vogal alta derivada, pretônica inicial, tônica inicial, oclusivas precedidas do fator ditongo decrescente [ej], vogal central nasal [ã], velar e alveopalatal em contexto seguinte, ensino fundamental, consoante surda, homens, idade entre 16 e 25 anos.
MATTÉ (2009)	Caxias do Sul - RS	Idade entre 18 e 50 anos, zona urbana, vogal alta fonológica, tônica, mulheres, posição medial da sílaba, consoante surda /t/, vogal.
SOUZA NETO (2014)	Aracaju-SE	Presença do [i] no contexto seguinte, idade entre 8 e 21 anos, contexto precedente com a presença de [i] e [j], vogal /i/ no contexto precedente, tônica, homens.

Quadro 2: Fatores que inibem a variação dos fonemas /t/ e /d/

AUTORES	Comunidade linguística investigada	Fatores inibem a aplicação da regra
HORA (1990)	Alagoinhas - BA	Classe social mais baixa, idade acima de 47 anos
ABAURRE E PAGOTTO (2002)	Porto Alegre-RS, Recife-PE, Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA e São Paulo-SP	Porto Alegre e Recife, idade superior a 55 anos, fricativa [s] aciona a elisão de /e/
PAULA (2006)	Taquara e Panambi (RS)	Monossílaba átona, idade superior a 45 anos, consoante dental e fricativa alveolar em contexto seguinte, vogal alta derivada, fricativa alveolar e o contexto vazio
BATTISTI ET AL (2007)	Antônio do Prado-RS	Idade acima de 70 anos, zona rural, vogal alta fonética
PIRES (2007)	São Borja-RS	Vogal derivada, ensino fundamental, homens
DUTRA (2007)	Chuí-RS	Escolaridade elevada, idade superior a 26 anos, consoante sonora.
MATTÉ (2009)	Caxias do Sul - RS	Idade superior a 50 anos, zona rural, vogal alta fonética, homens, consoante sonora /d/
SOUZA NETO (2014)	Aracaju-SE	Ausência de [i] no contexto seguinte, renda familiar de até 02 salários, contexto precedente sem o [j] e o [i], átona, mulheres

Com base nos trabalhos revisados, visamos comparar os fatores linguísticos que condicionam e que inibem a aplicação da regra nas diferentes regiões com o que se observa em Sergipe.

Os estudos já realizados mostram a palatalização é mais frequente entre os jovens e adultos com média de idade entre 14 e 35 anos. Outro fator que se destaca é a variável escolaridade. Dessa forma, espera-se que os informantes investigados apresentem uma aplicação de variável com valor significativo, uma vez que tais informantes se encontram dentro da faixa etária que mais realiza aplicação da regra e com nível de escolaridade elevada, sendo essas variáveis favoráveis à aplicação da regra.

Espera-se ainda que os informantes do grupo geográfico Aracaju apresentem maior aplicação da regra da variação quando comparada as outras duas comunidades, uso da variável com maior valor estatístico será justificado pelo fato de ser uma variante de prestígio, como também pelo fato de tal comunidade trata-se da capital do estado, onde os informantes têm maior contato com pessoas vindas de outras comunidades de fala.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo descrever a metodologia adotada nessa pesquisa sobre a palatalização de oclusivas alveolares em três comunidades linguísticas do estado de Sergipe, bem como descrever a constituição da amostra.

4.1 A AMOSTRA

A amostra é constituída por 60 informantes, de três comunidades de fala em Sergipe. A amostra faz parte do Banco de Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), e os informantes foram selecionados conforme os critérios estabelecidos:

- a) ter naturalidade em sua cidade e não ter permanecido fora por mais de 02 anos
- b) possuir ensino superior completo ou em andamento
- c) ter idade entre 18 anos e 29 anos.

Os informantes nos municípios de Lagarto (SE), Itabaiana (SE) e na Capital Aracaju. Todos os informantes estavam de acordo com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.1.1 Aracaju



Figura 4: Localização do grupo geográfico Aracaju

Fonte: <http://www.mundoreal.xyz/aracaju-conheca-essa-bela-cidade/mapa-de-aracaju/>

A cidade de Aracaju, foi criada em 1985 num povoado de pescadores denominado Santo Antônio do Aracaju, sua fundação foi motivada por cunho econômico e político, tendo como função abrigar o sistema governamental e servir como capital portuária (Pinheiro e Santos, 2012)

Possui uma extensão territorial de 181,857 Km², de acordo com o IBGE³ possui uma população estimada de 632.744 habitantes, sendo apontada pelo IBGE como a capital com menor desigualdade do Nordeste Brasileiro.

Segundo dados do IBGE⁴, a cidade é a segunda capital planejada de um estado brasileiro para ser a sede do Governo do Estado. Passou à frente de municípios já estruturados, principalmente São Cristóvão, do qual ganhou a posição de capital, e suas ruas cresceram inflexíveis dentro do tabuleiro de xadrez. Seu nome de origem tupi, e, segundo estudiosos da língua indígena, significa cajueiro dos papagaios.

4.1.2 Itabaiana



Figura 5: Localização do grupo geográfico Itabaiana

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana_\(Sergipe\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana_(Sergipe))

³IBGE. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280030&search=sergipe|aracaju>

⁴ IBGE. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/aracaju.pdf>

Distando apenas 48 Km do capital Aracaju, segundo dados do IBGE⁵⁶, a cidade possui uma população estimada de 93.572 habitantes, e uma extensão territorial de 336.693km². A colonização e povoamento de Itabaiana tiveram início após a conquista do território sergipano por Cristóvão de Barros, em fins do século XVI efetivando-se a posse das terras (sesmarias) pelos colonos gradativamente, por cartas de doação, nos séculos XVI e XVII, e alvarás, no século XVIII (CARVALHO, 1973).

No que se refere ao aspecto econômico à agricultura é a base econômica do município, contudo, o comércio destaca-se pelo seu desenvolvimento como o principal do interior sergipano, destaca-se ainda a venda de joias, bijuterias e ouro, comercializados em grande escala e com bastante variedade de produtos (SEBRÃO, 2003).

4.1.3 Lagarto



Figura 6: Localização do grupo geográfico Lagarto

Fonte: <http://www.lagarto.se.gov.br/novo/index.php/a-cidade/dados-estatisticos>

Localizado a 75 km da capital, Aracaju. Segundo dados do IBGE, possui uma população estimada de 102.257 mil habitantes e uma extensão territorial de

^{3,5}IBGE. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS

969,577 km², segundo censo do IBGE 2010, 48,46% da população reside na zona rural, já a zona urbana tem 51,54%.

Foi a terceira vila criada na capitania sergipense, cuja colonização já estava no território em 1596, a colonização das terras de Lagarto aconteceu no século XVIII, após a chegada de um novo grupo de colonos, o que deu origem às fazendas de gado e aos engenhos⁷.

No que se refere as atividades econômicas estão expressivamente pautadas nos produtos agrícolas, com destaque no cultivo de Tabaco e plantas cítricas⁸.

Como esperado para a comunidade de Itabaiana, na comunidade de Lagarto esperamos encontrar valores próximos.

4.2 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Descrevemos a seguir as variáveis a serem controladas.

4.2.1 Variável dependente

A variável dependente considerada nesse estudo refere-se à palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, diante da vogal alta [i], onde ocorre uma realização articulatória passando a ser realizados como africadas palato-alveolares (/tʃ/ e /dʒ/).

Palatalizada → /tʃ/ e /dʒ/

Não palatalizada → ∅

4.2.2 Variáveis independentes

A variável independente é aquela que é determinante para a obtenção dos resultados, sendo essas passível à manipulação. As variáveis independentes podem ser internas ou externas ao sistema linguístico. As variáveis linguísticas são as variáveis internas, ao passo que as variáveis extralinguísticas são as variáveis externas.

As variáveis independentes podem motivar mais ou menos a aplicação da regra, os estudos revisados mostram que tais variáveis agem categoricamente

⁷ Fonte: EMDAGRO/ASPLAN IBGE SEPLANTEC; www.emdagro.se.gov.br/modules

⁸ Fonte: <http://www.lagarto.se.gov.br/novo/a-cidade/economia.html>

exercendo influência na aplicação da regra favorecendo e inibindo a aplicação da variação.

4.2.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são internas ao sistema e podem permitir a identificação de contextos favorecedores ou não à aplicação de uma variação linguística. Foram controladas as seguintes variáveis linguísticas que podem influenciar a regra da palatalização das oclusivas dentais.

4.2.2.1.1 Contexto Fonológico Precedente

A variável contexto precedente é constituída por qualquer segmento ou espaço vazio que precede as oclusivas dentais /t/ e /d/. Para tal variável, são controlados os seguintes contextos:

- a) CONSOANTE LATERAL: malte, balde
- b) CONSOANTE SIBILANTE: poste, desde
- c) VAZIO: Øtipo, Ødia
- d) NASAL: diante, mandioca
- e) FRICATIVA ALVEOLAR: desde, destino
- f) VOGAL ANTERIOR: política, médico
- g) VOGAL CENTRAL: cidade, baratinho
- h) VOGAL POSTERIOR: juventude, odiava
- i) VIBRANTE: Parte, forte

Nos estudos analisados (HORA, 1990; SANTOS, 1996; PAULA, 2006; DUTRA, 2007; SOUZA NETO, 2014), essa variável não se mostrou significativa no condicionamento da palatalização, no entanto, seu controle é necessário entender qual o papel que o contexto anterior à consoante palatalizável pode ter frente ao processo.

4.2.2.1.2 Contexto Fonológico Seguinte

O contexto fonológico seguinte se refere a qualquer segmento ou ambiente vazio que segue a vogal anterior não arredondada [i].

Tal variável foi selecionada por mostra-se estatisticamente relevante nos trabalhos de Hora (1990), Santos (1996), Abaurre e Pagotto (2002), Paula (2006), Dutra (2007) e Souza Neto (2014). Tais pesquisadores reafirmam que a vogal [i] em contexto fonológico seguinte é tida como o gatilho da regra pode desempenhar papel condicionador.

São controlados os seguintes contextos:

- a) VIBRANTE: tiro, direção
- b) FRICATIVA ALVEOLAR: dizer, satisfeito
- c) LATERAL: predileto, dilema
- d) VOGAL: diabo, pátio, dieta
- e) OCLUSIVA LABIAL: típico, vestibulo
- f) OCLUSIVA DENTAL: título, sentido
- g) OCLUSIVA VELAR: particular, digo
- h) FRICATIVA LABIODENTAL: difícil, estive
- i) CONSOANTE SIBILANTE POSTERIOR: tijolo, digital
- j) CONSOANTE LATERAL POSTERIOR: gatilho, armadilha
- k) NASAL : time, rotina
- l) VAZIO: gente \emptyset , onde \emptyset

4.2.2.1.3 Status da vogal alta

O status da vogal alta diz respeito a tal variável a Vogal Alta Fonológica /i/, como mentira, dica, ou à Vogal Anterior Alta Fonética, em que a vogal /e/ em posição átona pode elevar-se a [i], como gente, bonde.

Os resultados de Battisti et al. (2007) apontam que a vogal alta fonológica como condicionadora da regra; nas investigações de Hora (1990), Paula (2007) Dutra (2007), o tipo de vogal também foi selecionado como estatisticamente relevante

4.2.2.1.4 Posição da sílaba na palavra

Refere-se à realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ dentro da palavra. Matté (2009) em seu estudo identificou o fator medial como o que mais condiciona a palatalização, seguido de inicial e final. Já no estudo de Hora (1990), a posição inicial foi o que mais favoreceu a regra da palatalização, havendo divergência.

No presente estudo foram controlados os fatores:

- a) INICIAL: **tipo, dia**
- b) MEDIAL: **medico,**
- c) FINAL: **pente, dente**

4.2.2.1.5 Tonicidade da sílaba

O grupo dessa variável diz respeito às sílabas que são pronunciadas fortes ou fracas dentro de uma palavra, sendo a tônica considerada a mais forte.

Nas investigações de Hora (1990), Santos (1996), Paula (2006), Pires (2007) e Souza Neto (2014), a tonicidade da sílaba aparece como estatisticamente relevante para a aplicação da regra da palatalização. A palatalização é favorecida por sílabas em posições fracas na palavra. No trabalho de Paula (2006), realizado nas comunidades linguísticas de Taquara e Panambi (RS), e também no estudo de Dutra (2007), o fator tonicidade da sílaba foi o que mais favoreceu a aplicação da regra da palatalização. Foram controladas as seguintes posições:

- a) PRETÔNICA: **tivesse, dizer**
- b) POSTÔNICA NÃO FINAL: **ginástica, médico**
- c) POSTÔNICA FINAL: **cidade, vinte**
- d) TÔNICA: **típica, tinha**

4.2.2.1.6 Sonoridade

Os estudos sugerem que a consoante /t/ condiciona a aplicação da regra da palatalização, pois nos estudos de Hora (1990), Abaurre e Pagotto (2002), Paula (2006), Pires (2007), tal fator aparece como favorecedor à regra da palatalização.

- a) SURDA: **noite, tia**
- b) SONORA: **cabide, dia**

4.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

Os fatores linguísticos não são os únicos que podem influenciar a ocorrência de uma determinada variação no vernáculo do informante, fatores como os aspectos socioculturais, socioeconômicos e geográficos exercem forte influência na ocorrência da variação. No presente estudo são controladas as variáveis: faixa etária, sexo, e grupo geográfico.

4.2.2.2.1 Sexo

Nos estudos sobre palatalização analisados, ocorre uma diferença no uso da variante linguística entre os informantes do sexo masculino e feminino, o fator sexo apresentou um valor estatístico significante.

Os estudos linguísticos mostram que as mulheres tendem a fazer o uso das formas que possuem maior prestígio. Para Coulthard (1991), as mulheres possuem padrões comunicativos para identificarem como mulheres, afirma ainda que, as mulheres são mais polidas e cooperativas em seus turnos comunicativos, e fazer o uso de formas linguísticas que apresentam prestígio.

Freitag (2015) afirma ainda que quando a variante é de prestígio as mulheres tendem a liderar o processo da mudança linguística, em contrapartida, se a variante é estigmatizada frente a sociedade as mulheres assumem uma atitude mais conservadoras.

Como afirma Labov (1972), as mulheres são mais sensíveis que os homens para os valores sociolinguísticos, e que quando essas utilizam a forma mais extrema de uma variante linguística, em contextos formais elas tendem a corrigir mais que os homens. Dessa forma, espera-se que os homens realizem maior aplicação da regra inovadora, uma vez que as mulheres tendem a um maior controle da variável, como aponta o autor.

Foram analisadas as falas de informantes do sexo masculino e feminino

4.2.2.2.2 Grupo geográfico

Foram selecionadas informantes de três cidades do estado de Sergipe, sendo duas no interior e a capital do estado. Sendo elas:

- a) Aracaju
- b) Itabaiana
- c) Lagarto

4.3 COLETA DE DADOS

Foram consideradas as primeiras 50 ocorrências do fenômeno em cada uma das 60 entrevistas, perfazendo 3000 dados sob análise. De acordo com Freitag (2009), as variações linguísticas no nível fonético-fonológico, quando em contraste de pares, são mais perceptíveis e salientes para o informante do que variações sintáticas. Além disso, o estudo da variação em fonético-fonológicos tem como característica a grande quantidade de dados quantitativos.

4.4 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

O tratamento dos dados segue a abordagem quantitativa da sociolinguística variacionista, com a realização de análise estatística através do programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). O programa tem por finalidade produzir resultados numéricos, analisando grupos de fatores e variáveis dependentes e independentes.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos foram analisados do ponto de vista fonético-acústico e do ponto de vista variacionista-fonológico.

5.1 ANÁLISE ACÚSTICA

A Fonética acústica é a ciência que tem por objeto de estudo os sons da fala, e o modo como eles são formados acusticamente. As propriedades acústicas dos sinais da fala explicam a relação existente entre a produção da voz pelo falante e sua compreensão pelo ouvinte, uma vez que os mecanismos de percepção captam a pressão das ondas sonoras que constituem a fala (PAGAN; WERTZNER, 2007).

Como o pressuposto da fonologia de uso é de que a mudança se instala de forma gradativa, em todos os aspectos incluindo também o fonético. Dessa forma existe a possibilidade de uma realização da oclusiva simples como também da oclusiva africada. Partimos da análise acústica para que possamos observar essa gradiência onde os informantes produzem oclusivas simples /t/ e /d/, como também oclusivas com gradiências entre oclusivas simples e africada.

Com o objetivo de analisar aspectos acústicos dos segmentos que constituem a amostra, foram analisadas amostras de fala dos informantes. Destacamos ainda nossa dificuldade devido à qualidade acústica das gravações. O ruído ambiente, o ruído da rua, e outras interferências reduzem o valor fonético dos dados.

No entanto, antes de tal análise, faz necessário destacar características das consoantes estudadas.

As oclusivas apresentam um aspecto descontínuo, apresentam um espaço praticamente em branco, constituindo uma oclusão, uma porção do sinal sem energia sonora. Já as africadas possuem como características um bloqueio durante sua produção, na fase final ocorre uma fricção decorrente da passagem da corrente de ar.

Segundo Kent e Read (1992), as africadas têm um período de obstrução completa da passagem de ar, representado acusticamente por um silêncio no

espectrograma, e um período de fricção, representado acusticamente por um ruído de intensa energia acústica.

As africadas são sons complexos, compostos por uma fase oclusiva e outra fricativa, pois combinam a articulação de uma oclusiva alveolar [t] ou [d], com uma sibilante [ʃ] ou [ç], tornando-se africadas alveopalatais [tʃ] e [dç].

De acordo com Johnson (2003), as africadas diferenciam-se de uma sequência de oclusiva e fricativa pelo tempo de elevação da amplitude do ruído de fricção. No caso das africadas, o tempo de amplitude do ruído aumenta rapidamente, já para as sequências de oclusivas e sibilantes, aumenta mais lentamente.

Para a análise dos dados acústicos foi o PRAAT (2011, versão 5303), desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (Centro de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã, Holanda), obtido livremente no endereço: www.praat.org.

O corpus foi segmentado manualmente, de onde foi extraído dados referente a espectrografia e os valores formânticos. A seleção do ponto exato para a extração foi feita de maneira visual, do primeiro ponto espectral da consoante até o último ponto anterior à coarticulação com a vogal, foram extraídos os valores de F1 e F2, pois foram julgados como mais significativos, uma vez que representam a movimentação da língua. Os valores dos formantes foram extraídos no trecho de maior amplitude do sinal, como sugere Oliveira Jr (2014)⁹; segundo o autor, tal método baseia-se no fato de que a máxima amplitude de um sinal corresponde à máxima abertura da boca durante a sua produção.

A figura 7 a seguir mostra o oscilograma e o espectrograma da palavra (mente) com a segmentação da palavra.

⁹ Aula ministrada pelo Professor Doutor Miguel Oliveira Jr no dia 24/08/2014 durante a III Escola de Prosódia na UNICAMP

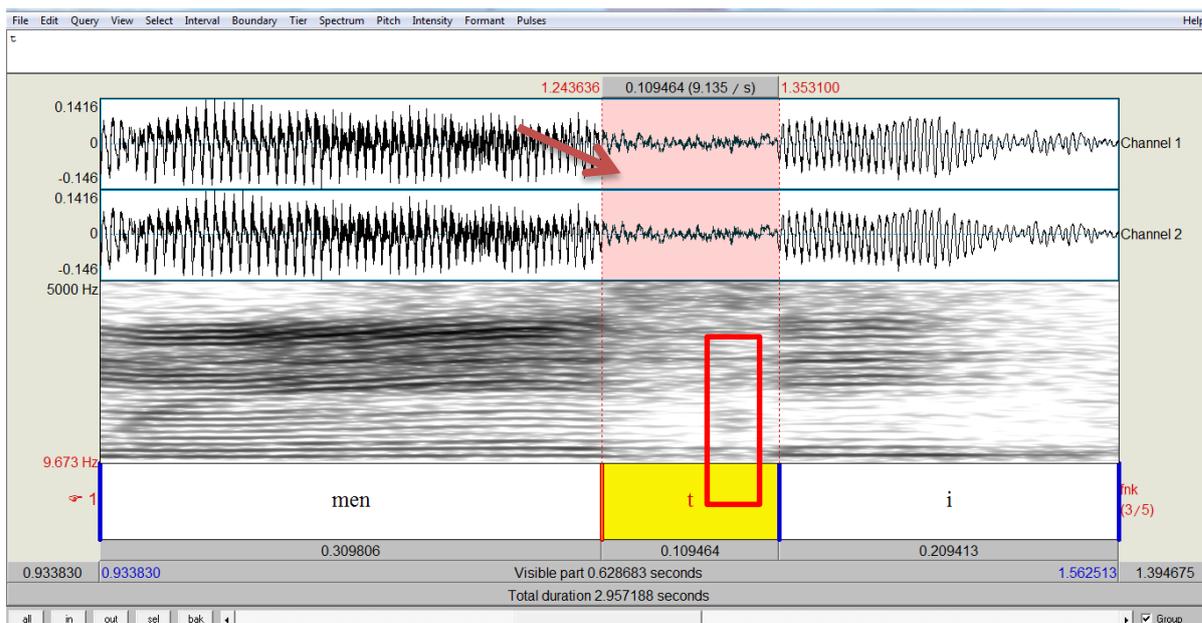


Figura 7: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'mente'. (ANC-Fem-LAG)

A seta vermelha na figura 7 indica o momento da produção da oclusiva, observamos ainda na figura a explosão característica em um curto espaço de tempo.

A figura 7 mostra o oscilograma e o espectrograma da palavra (vinte) com a segmentação da palavra.

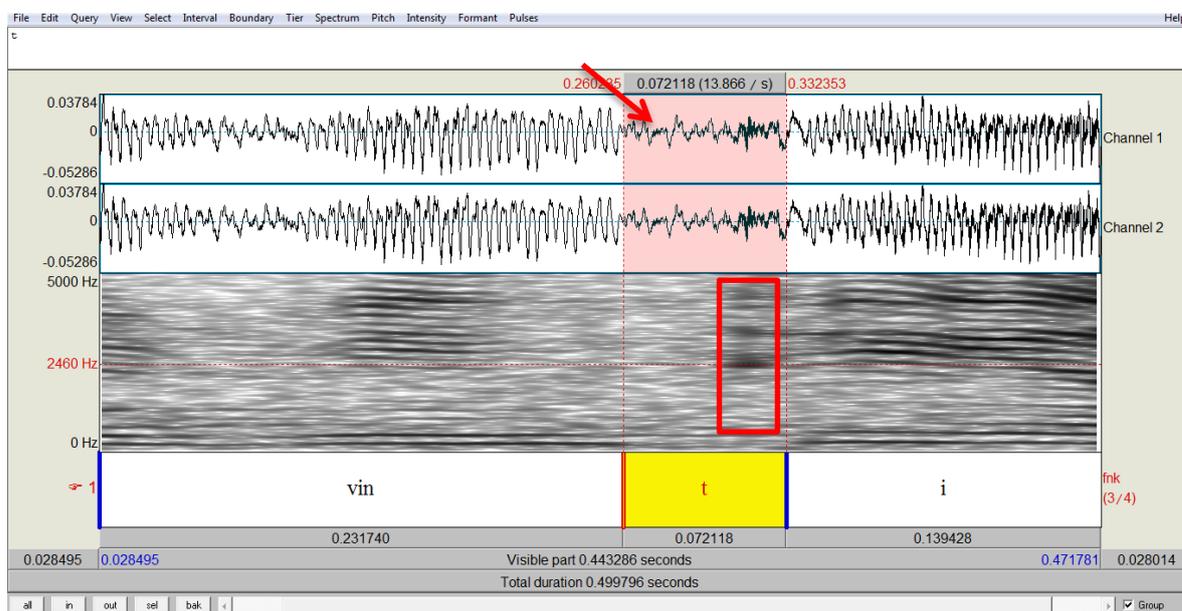


Figura 8: Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'vinte' (RAF-Fem-AJU)

A seta vermelha na figura 8 indica o momento da produção da oclusiva, observamos ainda explosão característica, contudo, em espaço de tempo maior que a anterior.

Na figura 9 temos o oscilograma e o espectrograma da palavra (dia) com a segmentação da palavra.

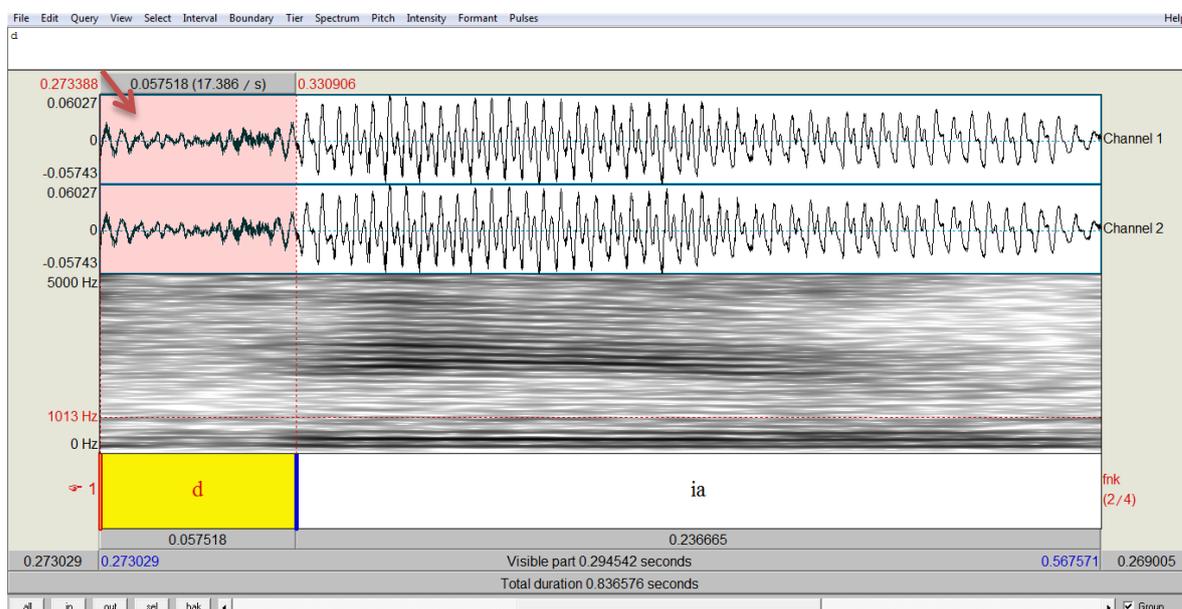


Figura 9: Oscilograma e espectrograma da pronúncia ‘dia’ (Day-fem-Ita)

A seta vermelha figura 9 indica o momento da produção da oclusiva, devido ao ruído na amostra, a lacuna que precede a explosão torna-se pouco visível.

Na figura 10 temos o oscilograma e o espectrograma da palavra (diria) com a segmentação da palavra.

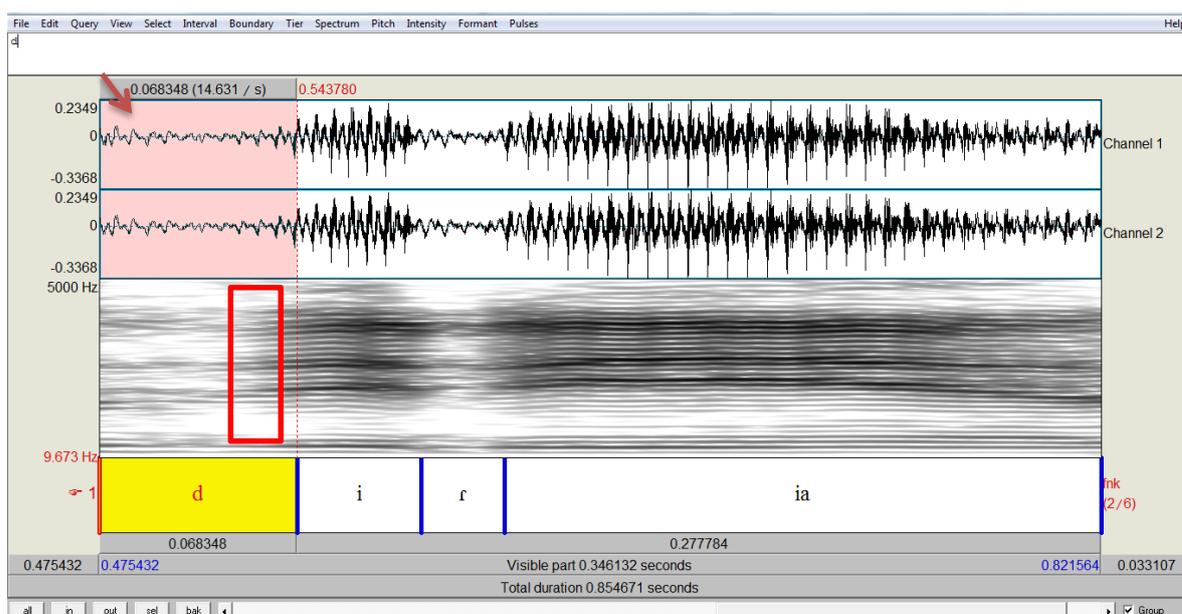
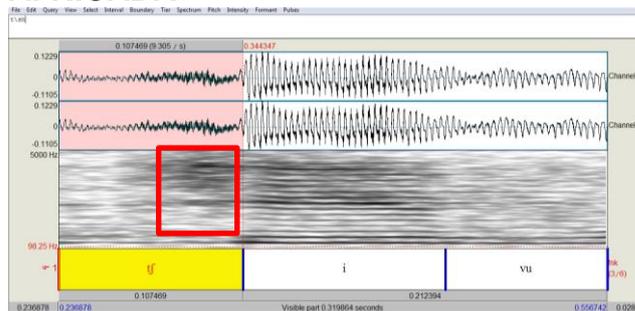


Figura 10: Oscilograma e espectrograma da pronúncia ‘diria’ (JOS-mas-Ita)

A seta na figura 9 aponta o momento em que ocorre a consoante oclusiva.

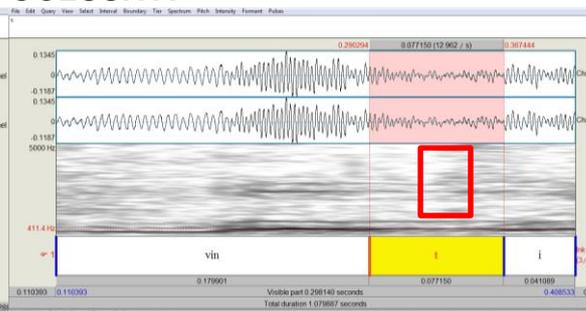
Quadro 3: Comparação acústica entre africada e oclusiva.

AFRICADA

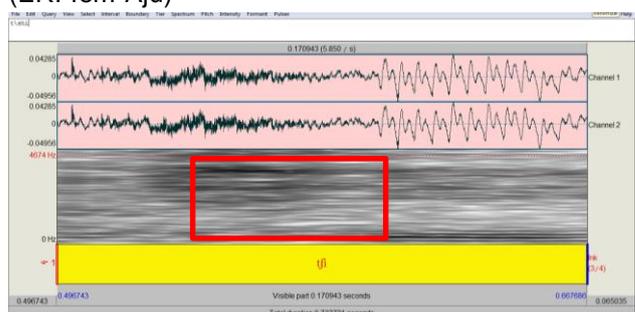


Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'tivo' (ERI-fem-Aju)

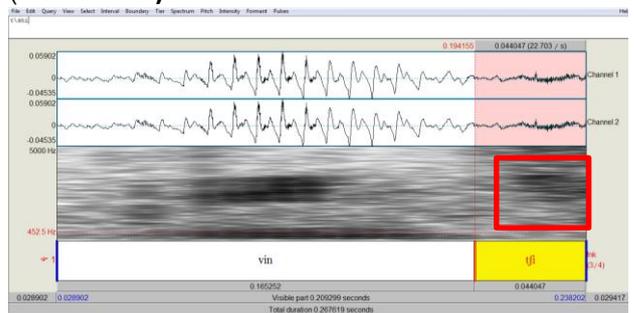
OCCLUSIVA



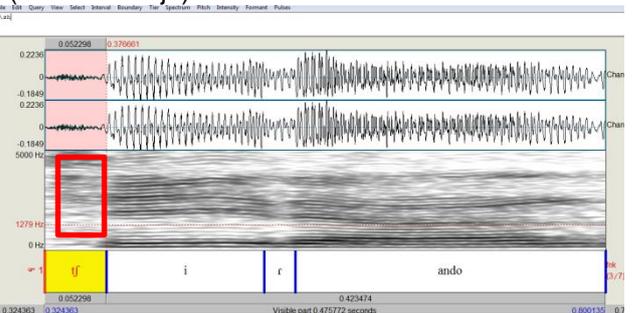
Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'vinte' (ICE-fem-Aju)



Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'te' (Bia-fem-Ita)



Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'vinte' (END-mas-Aju)



Oscilograma e espectrograma da pronúncia 'tirando' (DAN-mas-Ita)

Na análise comparativa entre as produções africadas e a produção oclusiva simples, no quadro 3, observamos que o espectro para as africadas alveolares contém relativamente maior frequência de energia do que o espectro da oclusiva. Observamos

ainda que na realização palatalizada há gradações de realização, e, com base nos modelos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), explicitada no capítulo de referencial teórico, poderíamos considerar essa gradualidade fonética como indicador de uma mudança em curso. Não pudemos nos deter na análise acústica de cada uma das ocorrências no desenvolvimento desta dissertação; assumimos, conforme a Fonologia de Usos, a existência destas variantes, mas, para fins de análise no aparato da Sociolinguística Variacionista, transformamos a variação gradual em binária: palatalizada vs. não palatalizada.

Como última parte da análise acústica, foi realizada a análise das frequências formânticas. Os formantes são geralmente expressos através do seu valor médio, em Hertz (Hz) de ciclos por segundos, e designados por F1, F2, F3, Fn, de modo progressivo. Os dois formantes são os responsáveis pela determinação da qualidade vocal, em termos acústicos, e sua identidade, em termos auditivos (BEHLAU, 2001).

Foi realizada uma análise comparativa entre os valores dos formantes dos três grupos geográficos, em diferentes contextos. Foram analisados os seguintes contextos: Contexto Precedente Nasal, Contexto Precedente Vazio/Pausa, e o Contexto Precedente Vogal Central associado ao Contexto Seguinte Vazio/Pausa.

Para essa análise, foram considerados os valores dos formantes F1, F2, nas seguintes produções: no Contexto Precedente Nasal, foi analisada a produção do som /t/ e na análise Contexto Precedente Vazio/Pausa; e o Contexto Precedente Vogal Central associado ao Contexto Seguinte Vazio/Pausa foi analisado o som do /d/.

Nossa hipótese era que os valores de F2 seriam elevados nos indivíduos que palatalizam, uma vez que seu correlato acústico está relacionado com o movimento de projeção da língua, mostrando uma diferença de articulação entre os indivíduos que palatalizam e os que não palatalizam. Tal hipótese foi confirmada de acordo com a extração dos formantes na tabela 1.¹⁰

¹⁰ Contudo, os valores dos formantes necessitam de normalização para a diminuição das diferenças fisiológicas entre os indivíduos. Não pudemos executar este procedimento.

A tabela 1 apresenta os valores da extração dos formantes para os grupos geográficos para o contexto nasal.

	Contexto	Sexo	GG	F1	F2	Palataliza=1 Não palataliza=0
[t]	Nasal	MAS	AJU	1629.80	2706.93	1
[t]	Nasal	MAS	AJU	739.63	2352.21	1
[t]	Nasal	MAS	AJU	433.40	1956.55	0
[t]	Nasal	MAS	AJU	606.50	1643.04	0
[t]	Nasal	MAS	AJU	324.89	1612.18	0
[t]	Nasal	FEM	AJU	582.84	2355.43	0
[t]	Nasal	FEM	AJU	564.70	2125.20	1
[t]	Nasal	FEM	AJU	719.38	1039.37	0
[t]	Nasal	FEM	AJU	852.71	3107.81	1
[t]	Nasal	FEM	AJU	668.09	2436.30	1
[t]	Nasal	MAS	ITA	267.04	1704.30	0
[t]	Nasal	MAS	ITA	453.38	1421.01	0
[t]	Nasal	MAS	ITA	681.78	1684.76	0
[t]	Nasal	MAS	ITA	641.03	1414.40	0
[t]	Nasal	MAS	ITA	393.02	1521.85	0
[t]	Nasal	FEM	ITA	624.19	2231.46	1
[t]	Nasal	FEM	ITA	769.80	2400.65	1
[t]	Nasal	FEM	ITA	315.34	1468.85	0
[t]	Nasal	FEM	ITA	802.28	1576.74	0
[t]	Nasal	FEM	ITA	1046.90	1807.78	0
[t]	Nasal	MAS	LAG	290.72	999.30	0
[t]	Nasal	MAS	LAG	714.03	1996.13	0
[t]	Nasal	MAS	LAG	296.42	1796.65	0
[t]	Nasal	MAS	LAG	400.95	1479.71	0
[t]	Nasal	MAS	LAG	572.86	2008.08	1
[t]	Nasal	FEM	LAG	514.18	1530.4	0
[t]	Nasal	FEM	LAG	247.18	1617.02	0
[t]	Nasal	FEM	LAG	504.59	1657.61	0
[t]	Nasal	FEM	LAG	740.57	1769.80	0
[t]	Nasal	FEM	LAG	358.31	1947.70	0

Tabela 1: Valores da extração dos formantes para os grupos geográficos para o contexto nasal

Podemos observar que os indivíduos que palatalizam possuem valores de F2 elevado, com valores ultrapassando 2000 Hz. Como a palatalização tem como característica o emprego da lâmina/corpo da língua na articulação do segmento, conforme Battisti (2012), os valores de F2 são elevados nos informantes que palatalizam devido ao avanço da língua para a realização da variável.

No gráfico 1, na dispersão dos formantes para o contexto precedente nasal, os indivíduos em azul representam o grupo geográfico Aracaju, o vermelho Itabaiana e o verde representa o grupo geográfico Lagarto.

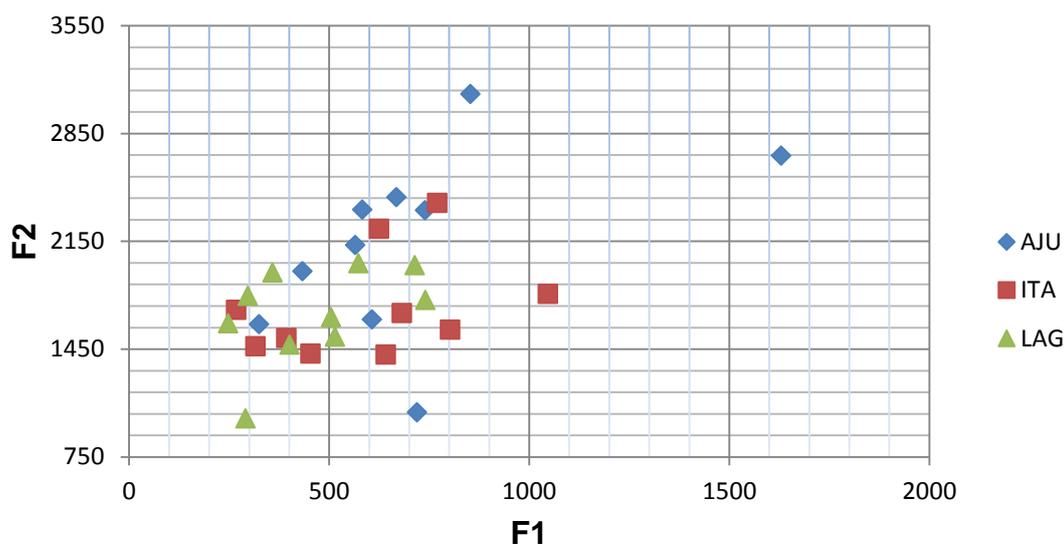


Gráfico 1: Dispersão dos formantes para o contexto precedente nasal valores de F1 e F2.

Neste contexto, os indivíduos do grupo geográfico Aracaju apresentam F1 mais elevados que os demais grupos geográficos, o que sugere que o contexto nasal favorece a palatalização nesse grupo.

A tabela 2 expressa os valores da extração dos formantes para os grupos geográficos para o contexto pausa/vazio.

	Contexto	Sexo	GG	F1	F2	Palataliza=1 Não palataliza=0
[d]	Pausa	FEM	AJU	404.52	2264.14	1
[d]	Pausa	FEM	AJU	584.36	2012.68	1
[d]	Pausa	FEM	AJU	849.08	1795.78	0
[d]	Pausa	FEM	AJU	468.94	1565.49	0
[d]	Pausa	FEM	AJU	256.04	1601.35	0
[d]	Pausa	MAS	AJU	321.21	1825.75	0
[d]	Pausa	MAS	AJU	954.87	2002.24	1
[d]	Pausa	MAS	AJU	346.65	1157.91	0
[d]	Pausa	MAS	AJU	422.30	1371.8	0
[d]	Pausa	MAS	AJU	757.73	1353.74	0
[d]	Pausa	FEM	ITA	481.75	2071.64	1
[d]	Pausa	FEM	ITA	540.78	1513.56	0
[d]	Pausa	FEM	ITA	384.86	1632.18	0
[d]	Pausa	FEM	ITA	794.65	1714.90	0
[d]	Pausa	FEM	ITA	650.76	1405.79	0
[d]	Pausa	MAS	ITA	327.47	1990.43	0
[d]	Pausa	MAS	ITA	353.21	1808.65	0
[d]	Pausa	MAS	ITA	783.69	1452.66	0
[d]	Pausa	MAS	ITA	547.95	1741.20	0
[d]	Pausa	MAS	ITA	393.12	1983.39	0
[d]	Pausa	FEM	LAG	481.46	2448.7	1

[d]	Pausa	FEM	LAG	495.40	2249.22	1
[d]	Pausa	FEM	LAG	307.32	1521.53	0
[d]	Pausa	FEM	LAG	328.49	1377.16	0
[d]	Pausa	FEM	LAG	361.20	1998.59	0
[d]	Pausa	MAS	LAG	325.04	1998.99	0
[d]	Pausa	MAS	LAG	314.59	1901.95	0
[d]	Pausa	MAS	LAG	426.32	1882.36	0
[d]	Pausa	MAS	LAG	428.04	2155.60	0
[d]	Pausa	MAS	LAG	342.25	1947.97	0

Tabela 2: Valores da extração dos formantes para os grupos geográficos para o contexto precedente pausa/vazio.

Notamos o mesmo comportamento observado no contexto anterior, em que o valor de F2 apresenta-se elevado, o que fortalece a ideia de que quando o indivíduo palataliza, os valores de F2 se elevam devido à movimentação horizontal da língua.

No gráfico 2 temos a dispersão dos formantes para o contexto vazio/pausa, dos falantes dos três grupos geográfico analisados.

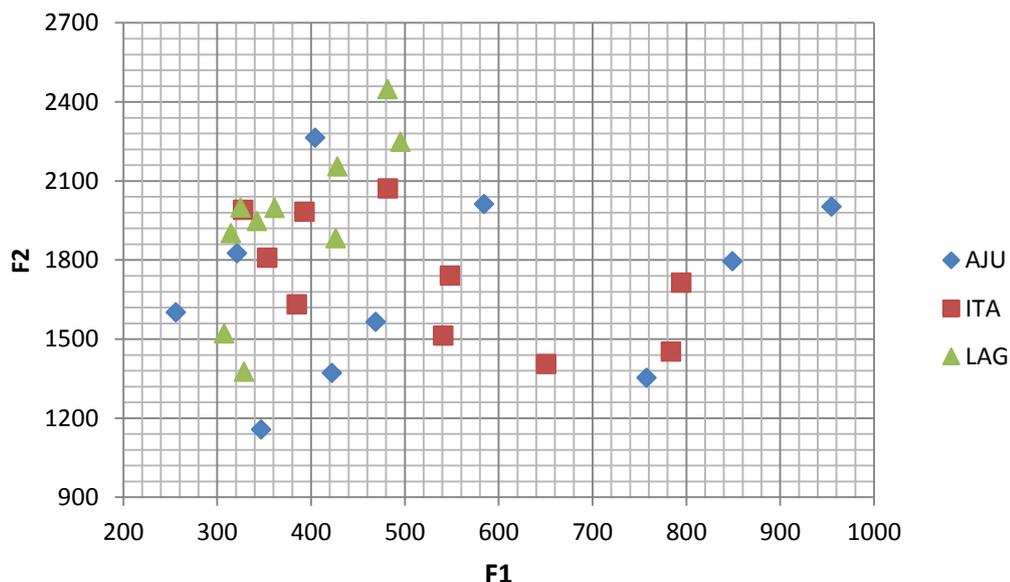


Gráfico 2: Dispersão dos formante para o contexto precedente Vazio/Pausa, valores de F1XF2.

Neste contexto, não existe uma linearidade dos valores dos formantes de F2: os valores de [d] para o grupo geográfico de Lagarto ocorre, em um ponto mais alto, já nos informantes do grupo geográfico de Aracaju os valores de [d] para este fator ocorrem em um ponto mais baixo, mostrando a variação entre esses dois grupos; quanto aos informantes do grupo geográfico de Itabaiana, em relação aos outros dois

grupos geográficos, podemos dizer que se encontram em um ponto de neutralidade, devido à sua posição medial.

Os dados da análise acústica mostram a existência de gradiências entre os informantes. Destacamos ainda a necessidade de uma análise com índice menor de ruído, para que possa avaliar os parâmetros espectrais e de duração, permitindo, dessa forma, auxiliar o estudo da gradiência na realização palatalizada.

Na análise da frequência dos formantes, constatamos que há diferença entre os valores de F2 para os falantes que palatalizam, sendo um segmento mais anterior, contudo, destacamos a necessidade da normalização dos dados para observar a relevância estatística.

5.2 ANÁLISE VARIACIONISTA

Nessa seção, discutimos os resultados obtidos na análise da palatalização em Sergipe, comparando os resultados obtidos com os estudos já realizados, com ênfase ao estudo de Souza-Neto (2014), que tomou como amostra informantes da cidade de Aracaju, a qual faz parte da amostra sob análise.

Após coletados, os dados foram submetidos ao tratamento estatístico do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A análise estatística foi realizada de duas maneiras: a primeira rodada foi realizada com todos os 60 informantes que compõem a amostra; a segunda rodada foi realizada somente com os indivíduos que apresentaram comportamento variável (foram excluídos os informantes que não realizaram a variante palatalizada ou realizaram 2 ou menos ocorrências).

5.2.1 Primeira rodada

Na primeira rodada, o programa selecionou como estatisticamente significativas três variáveis linguísticas e três variáveis extralinguísticas.

1º Grupo geográfico

2º Contexto precedente

3º Sexo/Gênero

4º Entrevistador

5º Sonoridade

6º Posição da sílaba tônica

Esta foi a ordem de seleção das variáveis estatisticamente significativas apontadas pelo programa GoldVabX. Entretanto, para melhor explanação dos nossos resultados, primeiro são apresentadas as variáveis linguísticas, posteriormente as variáveis extralinguísticas selecionadas como relevantes no presente estudo.

5.2.1.1 Variáveis linguísticas

Nessa seção são apresentadas e discutidas as variáveis linguísticas, o contexto precedente, a sonoridade e a posição da sílaba tônica selecionadas como as mais relevantes nessa roda.

5.2.1.1.1 Contexto precedente

A tabela 3 apresenta os resultados da variável linguística contexto precedente, sendo essa escolhida pelo programa como a mais estatisticamente significativa.

	aplic./total	percentual	peso relativo
consoante sibilante	29/106	24,4%	0,79
consoante líquida	16/179	8,9	0,37
Pausa	87/649	13,4%	0,58
Nasal	132/1122	11,8%	0,47
fricativa alveolar	9/30	30%	0,74
vogal anterior	36/233	15,5%	0,56
vogal central	42/582	7,2%	0,42
vogal posterior	9/99	27,3%	0,44
Total	360/3000	12%	
Log -988.145	<i>Sig. 0,020</i>		<i>Range: 42</i>

Tabela 3: Contexto fonológico precedente

Nossa hipótese era que, assim como os estudos anteriores, de que o fator nasal fosse o mais favorável à palatalização de oclusivas alveolares.

Verificamos que a maior incidência da palatalização de oclusivas alveolares /t/ e /d/ ocorreu quando as oclusivas dentais foram antecedidas pelo fator consoante sibilante, com peso relativo de 0,79, seguido pelos fatores fricativa alveolar, com valor de 0,74, seguido pelos fatores pausa com peso relativo de 0,58 e a vogal anterior com peso de 0,56.

Em contrapartida, o fator nasal, com peso de 0,47, a vogal posterior com peso de 0,44, a vogal central com peso de 0,42, e a consoante líquida com peso relativo de 0,37, manifestaram-se como menos favoráveis à palatalização das oclusivas alveolares.

Na pesquisa de Souza-Neto (2014), na cidade de Aracaju, os resultados mostram que o que Contexto Precedente Vazio é o que mais favorece a ocorrência da variante oclusiva simples. Segundo o autor, para a consoante sonora /d/ o contexto precedente vazio com peso relativo de .54, é o único que favorece a ocorrência da variante simples, o contexto precedente com [i], com peso relativo de .21, e o contexto precedente com [j] com peso igual a .16 inibem a consoante simples, e favorecem a consoante palatalizada. Para a consoante surda /t/ o contexto precedente vazio favorece a ocorrência da variante simples, com peso relativo de .66, a presença da aproximante [j] com peso relativo de .14 e a presença de [i] com peso relativo de .37, mostram-se inibidores da ocorrência da variante simples.

Enquanto no estudo de Souza Neto (2014), o fator vazio, denominado em nosso estudo de pausa, é o que mais favorece a oclusiva simples /t/ e /d/, em nosso estudo tal fator aparece como o terceiro condicionador da palatalização.

5.2.1.1.2 Sonoridade

Seguindo a ordem de seleção estabelecida pelo GOLDVARB X para a variável linguística, a variável sonoridade foi a segunda selecionada como relevante estatisticamente. Nossa hipótese inicial era que a palatalização seria mais frequente no segmento menos sonora, ou seja, oclusiva surda /t/, tal hipótese foi confirmada uma vez que tal contexto apresentou maior produtividade da palatalização que o segmento sonoro /d/, o fenômeno foneticamente motivado atinge em maiores proporções as palavras com frequência de ocorrência mais alta, como podemos observar na tabela 4.

	aplic./total	percentual	peso relativo
surda	249/1793	13,9%	0,55
sonora	111/1207	9,2%	0,43
Total	360/3000	12%	
<i>Log -988.145</i>	<i>Sig. 0,020</i>	<i>Range: 12</i>	

Tabela 4: Sonoridade.

Podemos constatar, com base na tabela 4, que o segmento surdo /t/ aparece como favorecedor da aplicação da palatalização de oclusivas alveolares com peso relativo de 0,55, já o segmento sonoro aparece como inibidor da palatalização com peso relativo de 0,43.

Os nossos resultados corroboram com o estudo de Souza Neto (2014) onde a consoante surda /t/ apresenta-se como favorecedora da variante palatal, enquanto a consoante sonora /d/ inibe a palatalização.

Assim como Souza Neto (2014), na cidade de Aracaju, nos três grupos geográficos que constituem a amostra do presente estudo, a consoante /t/ surda obteve maior índice de aplicação da regra quando comparada à consoante sonora /d/.

5.2.1.1.3 Tonicidade da Sílabas

A última variável linguística selecionada como estatisticamente significativa foi a tonicidade. A tabela 5 apresenta os resultados de tal variável.

	aplic./total	Percentual	peso relativo
Pretônica	80/583	13,7%	0,51
Postônica não final	19/76	25%	0,71
Postônica final	181/1716	10,5%	0,50
Tônica	80/625	12,8%	0,46
Total	360/3000	12%	
<i>Log -988.145</i>	<i>Sig. 0,020</i>	<i>Range: 25</i>	

Tabela 5: Tonicidade da Sílabas.

O fator postônica não final é o que mais favorece a aplicação da palatalização, com peso relativo de 0,71, seguido pelos fatores pretônica com peso relativo de 0,51, e pelo fator postônica final com peso de 0,50. O fator tônica apresentou peso relativo de 0,46, apresenta menor influência na palatalização.

Diferente do estudo de Souza-Neto (2014), realizado apenas na cidade de Aracaju, onde a sílaba tônica aparece como a mais favorecedora da palatalização da consoante sonora, enquanto a consoante surda é favorecida pela átona. Dessa forma podemos notar que a palatalização é favorecida pela corrente de ar mais fraca e com a diminuição da velocidade.

5.2.1.2 Variáveis extralinguísticas

Nesta seção serão apresentadas as variáveis extralinguísticas, apresentados pela ordem de relevância escolhida pelo programa, na seguinte ordem: grupo geográfico, sexo e entrevistador.

5.2.1.2.1 Grupo geográfico

A variável grupo geográfico foi selecionada dentre todas as variáveis como a de maior relevância, mostrando assim a existência de uma variação diatópica entre as comunidades investigadas, como podemos observar na tabela 6.

Nossa hipótese inicial era que o grupo geográfico Aracaju realizaria maior aplicação da palatalização, seguido pelo grupo Itabaiana e Lagarto, sendo que esses apresentariam valores semelhantes; tal hipótese foi confirmada como podemos ver na tabela 6.

	aplic./total	percentual	peso relativo
Aracaju	217/1000	21,7%	0,71
Lagarto	66/1000	6,6%	0,35
Itabaiana	77/1000	7,7%	0,42
Total	360/3000	12%	
Log -988.145		<i>Sig. 0,020</i>	<i>Range: 36</i>

Tabela 6: Grupo Geográfico.

O grupo geográfico Aracaju é o que mais favorece a aplicação da regra da palatalização com peso relativo de 0,71, seguindo pelo grupo geográfico Itabaiana com peso relativo de 0,42, e pelo grupo geográfico Lagarto com peso relativo de 0,35, mostrando-se o mais desfavorável à aplicação da palatalização.

5.2.1.2.2 Sexo/gênero

A segunda variável extralinguística selecionada como estatisticamente significativa foi a variável sexo/gênero.

Nossa hipótese inicial era que as mulheres puxam a mudança linguística, o que foi confirmado, como podemos ver na tabela 7, onde temos os resultados estatísticos referentes à aplicação da regra da palatalização.

	aplic./total	percentual	peso relativo
masculino	143/1500	9,5%	0,44
feminino	217/1500	14,5%	0,56
Total	360/3000	12%	
<i>Log -988.145</i>		<i>Sig. 0,020</i>	<i>Range: 12</i>

Tabela 7: Sexo/gênero.

Os resultados evidenciam que mulheres lideram a aplicação da regra da palatalização com peso relativo de 0,56, enquanto os homens apresentam peso de 0,44. O resultado sugere que o sexo feminino é mais favorável à aplicação da regra da palatalização que os informantes do sexo masculino.

No estudo de Souza-Neto (2014), com informantes da cidade de Aracaju, as falantes do sexo feminino com peso de 0,66 mostram-se mais conservadoras, favorecendo o uso da variante oclusiva simples, ao passo que os falantes do sexo masculino com peso relativo de 0,44, inibem a oclusiva simples, mostrando que as mulheres tendem a usar mais a variante de prestígio. Dessa forma percebe-se que informantes do sexo feminino do presente estudo, condicionam a aplicação da palatalização e conduzem a mudança.

5.2.1.2.3 Entrevistador

A última variável extralinguística selecionada pelo programa foi a variável entrevistador. Nossa hipótese inicial era que o entrevistador realizava o efeito gatilho; no entanto, nossa hipótese não foi corroborada, como podemos observar na tabela 8.

	aplic./total	percentual	peso relativo
Palataliza	304/2400	12,7%	0,39
Não palataliza	56/600	9,3%	0,53
Total	360/3000	12%	
Log -988.145		<i>Sig. 0,020</i>	Range: 14

Tabela 8: entrevistador.

Como é visto na tabela 8, a realização africada foi mais frequente com entrevistadores que não realizam a esta variável, com peso relativo de 0,53, enquanto os entrevistadores que realizam a palatalização parecem inibir a aplicação da regra com peso relativo de 0,39.

Nossa hipótese de que os entrevistadores que realizavam a palatalização realizam um efeito gatilho, como apontam Santos, Araujo e Freitag (2011), à continuidade das mesmas marcas linguísticas no mesmo discurso. A ocorrência de formas em cadeia pode acontecer no discurso do próprio locutor ou pode ocorrer que uma forma apareça depois de outra emitida pelo interlocutor, pois a forma presente na fala do interlocutor “engatilha” um uso que pode ou não ser repetido pelo informante. Tal hipótese não foi corroborada.

5.2.2 Segunda rodada

Na segunda rodada, incluímos na análise estatística somente os indivíduos sem comportamento categórico para a realização oclusiva. Nesta rodada, os fatores estatisticamente significativos selecionados pelo programa foram:

- 1º contexto precedente
- 2º entrevistador
- 3º sonoridade
- 4º grupo geográfico
- 5º posição na sílaba tônica

Nessa rodada, o programa selecionou três fatores linguísticos e dois fatores extralinguísticos, ficando de fora nessa rodada a variável extralinguística sexo/gênero.

Seguimos a mesma ordem de discussão da rodada anterior, primeiramente são discutidos os valores das variáveis linguísticas e posteriormente das variáveis extralinguísticas.

5.2.2.1 Variáveis linguísticas

Nesta rodada foram selecionadas como estatisticamente significativas as variáveis linguísticas em ordem de relevância contexto precedente, sonoridade e posição na sílaba tônica.

5.2.2.1.1 Contexto precedente

A primeira variável selecionada pelo programa foi a variável contexto fonológico precedente. Nossa hipótese era que, assim como na rodada anterior, nessa a consoante sibilante fosse a mais favorável à palatalização, tal hipótese foi corroborada como podemos ver na tabela 9.

	aplic./total	percentual	peso relativo
consoante sibilante	18/37	48,6%	0,80
consoante líquida	8/70	11,4%	0,31
Pausa	56/225	34,9%	0,61
Nasal	73/404	18,1%	0,47
fricativa alveolar	8/19	42,1%	0,61
vogal anterior	17/85	20,0%	0,51
vogal central	22/172	12,8%	0,44
vogal posterior	4/38	10,5%	0,32
Total	206/1050	19,6%	
Log -484.015	<i>Sig. 0,045</i>		<i>Range: 49</i>

Tabela 9: contexto precedente

Assim como na rodada anterior a consoante sibilante foi a que mais favoreceu a palatalização com peso relativo de 0,80, seguida pela pausa e pela fricativa alveolar apresentando peso relativo de 0,61. O fator contexto precedente vogal anterior com peso relativo de 0,51 e o fator nasal com peso relativo de 0,47, bem como a vogal central com peso de 0,44, exercem pouca influência na aplicação da palatalização, já os fatores vogal posterior com peso relativo de 0,32 e consoante líquida com peso relativo de 0,31 tendem a inibir a palatalização.

5.2.2.1.2 Sonoridade

O segundo fator selecionado nessa rodada foi o grupo tonicidade, nossa hipótese era que assim como na rodada anterior, o fator surdo fosse o que mais condiciona a palatalização. Tal hipótese foi confirmada como podemos observar na tabela 10.

	aplic./total	percentual	peso relativo
surda	143/629	22,7%	0,56
sonora	63/421	15%	0,41
Total	206/1050	19,6%	
Log -484.015			Sig. 0,045
			Range: 15

Tabela 10: sonoridade.

A consoante surda assim como na rodada anterior é a que mais favorece a aplicação da regra da palatalização com peso relativo de 0,56, que a sonora com peso relativo de 0,21. Esses resultados corroboram com os obtidos pelos estudos de Abaurre e Pagotto (2002), Paula (2006), Pires (2007), Matte (2009).

Para Abaurre e Pagotto “é possível pensar que a entrada da palatalização no sistema se dê por meio da consoante surda, estendendo-se depois para as consoantes sonoras, até que o sistema como um todo esteja palatalizado” (ABAURRE e PAGOTTO, 2002, p.574).

5.2.2.1.3 Tonicidade da Sílabas

A última variável linguística selecionada foi a variável tonicidade da sílaba, como podemos observar na tabela 11

	aplic./total	percentual	peso relativo
Pretônica	55/229	24,0%	0,56
Postônica não final	10/24	41,7%	0,74
Postônica final	97/588	16,5%	0,49
Tônica	44/209	21,1%	0,45
Total	206/1050	19,6%	
Log -484.015			Sig. 0,045
			Range: 29

Tabela 11: Tonicidade da sílaba

O resultado desta análise segue a tendência do resultado da rodada anterior, em que a postônica não final, com peso relativo de 0,74, é a que mais favorece a palatalização, seguida da pretônica com peso relativo de 0,56, enquanto a postônica final, com peso relativo de 0,49 e a tônica, com peso relativo de 0,45 exercem pouca influência na palatalização.

5.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

Nessa seção serão apresentados os resultados das variáveis extralinguísticas, seguindo a ordem de relevância escolhida pelo programa: entrevistador e grupo geográfico.

5.2.2.2.1 Entrevistador

Na tabela 12, a primeira variável extralinguística selecionada nessa rodada como a mais relevante, a influência da palatalização do entrevistador

	aplic./total	percentual	peso relativo
Palataliza	41/280	14,6%	0,37
Não palataliza	165/770	21,4%	0,55
Total	206/1050	19,6%	
<i>Log -484.015</i>		<i>Sig. 0,045</i>	<i>Range: 18</i>

Tabela 12: Entrevistador

O entrevistador que não realiza a palatalização favorece com peso relativo de 0,55, do que os entrevistadores que realizam a palatalização com peso relativo de 0,37. Dessa forma, na presente rodada como na anterior, o entrevistador não dispara o efeito gatilho.

5.2.2.2.2 Grupo Geográfico

Na tabela 13, temos os dados referentes ao grupo geográfico, sendo essa a última variável extralinguística selecionada nessa rodada.

	aplic./total	percentual	peso relativo
Aracaju	129/650	19,8%	0,51
Lagarto	12/100	12%	0,29
Itabaiana	65/300	21,7%	0,55
Total	206/1050	19,6%	
Log -484.015 Sig. 0,045			Range: 26

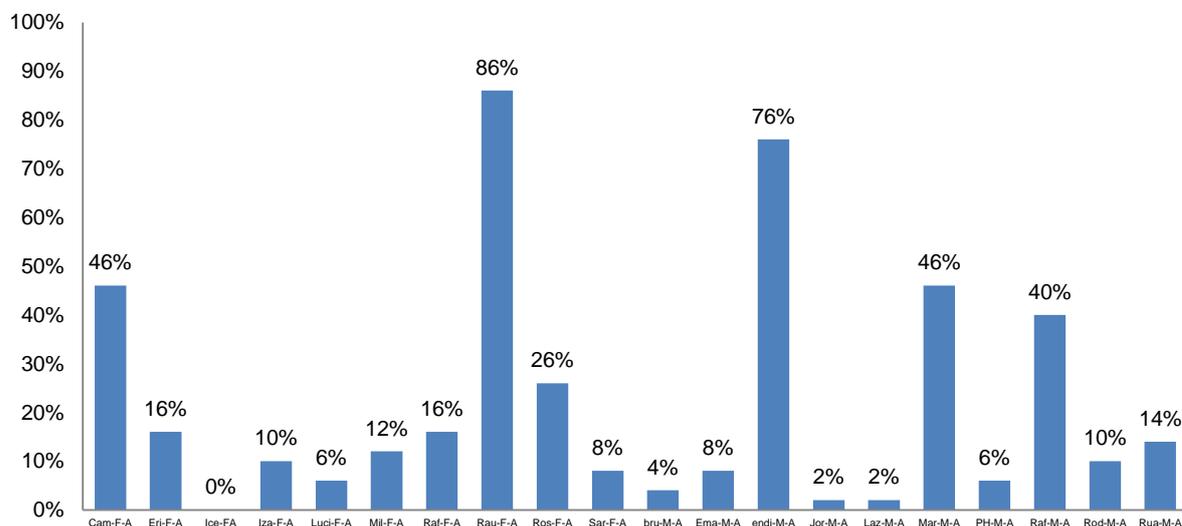
Tabela 13: Grupo Geográfico

Nessa segunda rodada, os dados confirmam a variação diatópica evidenciada nos resultados obtidos anteriormente. No entanto, diferentemente da rodada anterior, na presente rodada os falantes da cidade de Itabaiana foram os que mais condicionaram a aplicação da palatalização, com peso relativo de 0,55, seguido por Aracaju, com peso relativo de 0,51; tais grupos apresentam valores semelhantes, o que pode ser justificado pela distância entre esses dois grupos geográficos, com distância de 54 km entre essas cidades. O grupo geográfico Lagarto, em ambas as rodadas, foi o que menos favoreceu a palatalização.

5.2.3 Distribuição diatópica da variável

Os dados da aplicação da variável foram organizados em gráfico por cada grupo geográfico. No gráfico 3 temos a distribuição para os informantes de Aracaju. No gráfico 4 para os informantes de Itabaiana e no gráfico 5 os informantes de Lagarto.

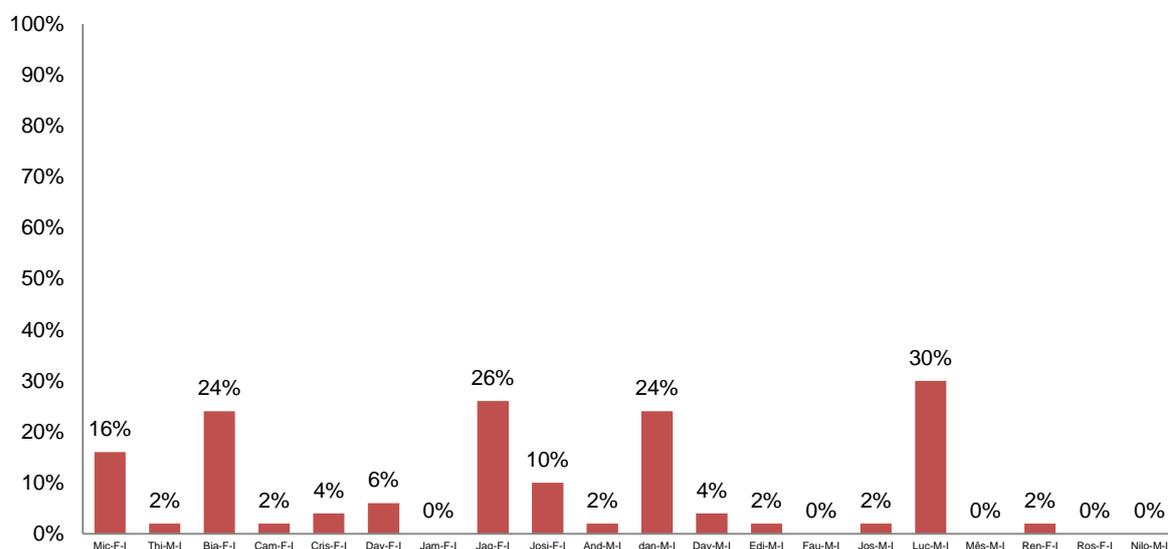
Gráfico 3: realização da palatalização de oclusivas alveolares informantes de Aracaju



No gráfico 3 temos os informantes de Aracaju, podemos observar que existem indivíduos bem categóricos, como também indivíduos com pouca aplicação da regra variável. Vê-se que a variação ocorre por indivíduo enquanto alguns indivíduos apresentam valores elevados, outros indivíduos apresentam valores muito baixos, o que pode gerar um equilíbrio na amostra.

O gráfico 4 expressa o percentual de aplicação da regra da palatalização pelos informantes do grupo geográfico de Itabaiana.

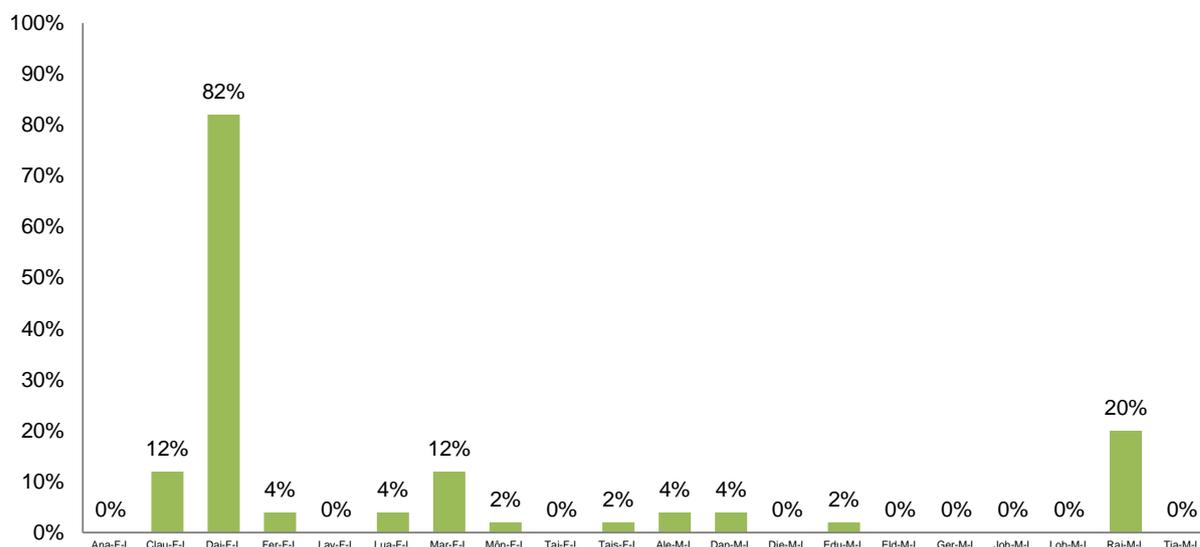
Gráfico 4: realização da palatalização de oclusivas alveolares pelos informantes de Itabaiana



Os resultados mostram que a variação, como em Aracaju, ocorre por indivíduos, observamos indivíduos bem menos categóricos para a realização da palatalização, e seus valores não ultrapassam 30%. Dessa forma não podemos afirmar que existe um equilíbrio na amostra.

No gráfico 5 temos os dados estatísticos dos informantes de Lagarto.

Gráfico 5: realização da palatalização de oclusivas alveolares pelos informantes de Lagarto



Podemos observar a existência de um indivíduo mais categórico na aplicação da regra da variável, contudo, grande parte dos informantes faz o uso de forma não categórica da variável.

Dessa forma, observamos indivíduos que compartilham traços linguísticos, mas que necessariamente não precisam compartilhar todos os aspectos da língua. No entanto, a frequência de uso desses traços linguísticos os distingue de outras comunidades de fala. Partindo do pressuposto de que se trata de uma mudança em progresso, e com base nas gradiências evidenciadas pela análise acústica, pode-se supor que os sujeitos alcancem uma aplicação categórica com o passar dos anos, como forma de assumir sua identidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivou-se identificar o uso das variantes palatalizadas /t/ e /d/ diante da vogal alta [i] em três grupos geográficos do estado de Sergipe, sendo esses grupos formados pelas cidades de Aracaju, Itabaiana e Lagarto.

A análise foi realizada à Luz da Teoria da Variação, por conta disso, podemos constatar que os grupos de fatores linguísticos bem como os extralinguísticos exercem influência na aplicação da palatalização das oclusivas /t/ e /d/, nos três grupos geográficos analisados.

A seleção estatística referente às variáveis linguísticas e extralinguísticas, por ordem de relevância no condicionamento foi a: Grupo geográfico, Contexto Fonológico Precedente; sexo; entrevistador; Sonoridade; e posição da sílaba tônica.

Constata-se que grupo geográfico é o que mais favorece a palatalização de oclusivas alveolares, em ambas as rodas os fatores Aracaju e Itabaiana foram os que mais favoreceram a palatalização, enquanto o fator Lagarto mostra-se pouco favorável a palatalização de oclusivas alveolares. Mostrando a variação diatópica nos grupos estudados.

No tocante ao contexto fonológico precedente a consoante sibilante em ambas as rodas foi que mais favoreceu a palatalização, na primeira rodada tal fator atingiu um peso relativo de 0,79, já na segunda rodada atingiu um valor de 0,80, mostrando ser o fator que mais favorece a palatalização das oclusivas alveolares.

No que diz respeito a variável Sexo os resultados mostram que as falantes do sexo feminino palatalizaram com mais frequência que os homens, mostrando que as mulheres tendem a usar mais a variante prestígio, dessa forma, podemos afirmar que as mulheres estão conduzindo a mudança.

Em relação à variável entrevistador, os dados mostram que esse não favorece o efeito gatilho uma vez que os entrevistadores que não palatalizam aparecem mais favorecedores da palatalização em ambas as rodas. Na primeira rodada tal fator atingiu um peso de relativo de 0,53 para o que não palatalizam contra

0,39 para os que palatalizam. Na segunda rodada esse percentual aumentou para o que não palatalizam atingindo peso de 0,55, contra 0,37 para os que palatalizam.

Quanto à variável sonoridade, o fator surdo foi o que mais motivou a palatalização nos grupos geográficos analisados. Em ambas as rodas tal fator mostrou-se mais motivador para a palatalização. Na primeira rodada atingiu peso relativo de 0,55, contra 0,43 do fator sonora. Na segunda rodada mostrou-se favorecedor também com 0,56, enquanto a sonora apresentou peso de 0,41.

No que se refere ao grupo de fatores posição da sílaba tônica, manifestaram-se mais favoráveis a aplicação da palatalização das oclusivas dentais: a Postônica não final com peso relativo de 0,71 na primeira rodada e com 0,74 na segunda rodada. O segundo fator foi a pretônica com 0,51 na primeira rodada e 0,56 na segunda rodada.

Com base nos questionamentos levantados, os dados da análise acústica revelam a existência de gradientes entre a produção entre a forma plena e o padrão inovador, o que sugere uma mudança em progresso.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, Â, C. S. (orgs). **Gramática do português falado**. Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; PIRES LUCAS, J. I.; BOVO, N. M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, 2007.
- BEHLAU, M. S. **Voz: O livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- BISOL, L.; HORA, D. O. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Letras**, Santa Maria, n. 5, p. 25-40, jan.-jun. 1993.
- BRASIL, IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em
- BYBEE, J. L. **Phonology and language use**. **Language Variation and Change**, 14, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.os
- CÂMARA Jr., J. M. **História da linguística**. [Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo]. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- CARVALHO, V. S. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. O Serrano, 1973.
- COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012.
- DRAGER, K., M.J. Kirtley.(to appear). **Awareness, salience, and stereotypes in exemplar-based models of speech production and perception**. In A. Babel (Ed.). *Awareness and Control*. Cambridge University Press.
- DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DUTRA, E. de O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- FREITAG, R. M. K. "(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística", p. 17-74 . In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.
- FREITAG, R. M. K. . Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga** (Rio de Janeiro), v. 16, p. 115-132, 2009.

FREITAG, R. M. K. **Banco de dados falares sergipanos**. Working Papers em Linguística (Online), v. 14, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K. et alii. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G., GORSKI, E. M. (org). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016, p. 141-160.

FREITAG, R. M. K. et alii. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. **Signo y Seña**, n. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. M. K. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 37, n. 2, p. 127-136, 2015.

FREITAG, R. M. K.. Implicações da variação na alfabetização: a lateral palatal e seus correspondentes grafêmicos. **Leitura (UFAL)**, v. 1, p. 37-56, 2010.

HORA, D. O. da. **A palatalização das oclusivas dentais: Variação e representação não linear**. 1990. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

KENT, R. D.; READ, C. **The Acoustic Analysis of speech**. San Diego: Singular, 1992.

LABOV, W. **Building on Empirical Foundations**. In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y (eds). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1982.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – social factors**. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Sociolinguist patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007

LABOV, W. The reflection of social processes in Linguistic Structure. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of language*. The Hague: Mouton, 1968.

MATTÉ, G. D. A palatalização variável de /t,d/ em Caxias do Sul. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n 38, 2009.

MIRANDA, I. C. C.; GUIMARÃES, D. M. O. Contribuição dos modelos multirrepresentacionais à variação fonológica. **Letrônica**, v. 6, p. 214-227, 2013.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. **As consoantes do Português**. In: **BISOL, Leda (org.)**. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3.ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

MOTA, J. Como fala o nordestino: a variação fônica no Atlas Linguístico do Brasil. In: **Anais do I Simpósio Mundial de estudos de Língua Portuguesa**. 2008. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/03_12.pdf

MOTA, J.. A variação diafásica no português do Brasil. **Revista de Letras**, v. 24, n1-2, p. 70-74, 2002.

Oliveira, J. M.. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PAGAN, L. O; WERTZNER, H. F. Análise acústica das consoantes líquidas do Português Brasileiro em crianças com e sem transtorno fonológico. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.** São Paulo , v. 12, n. 2, p. 106-113, 2007.

PAULA, A. T. de. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi - RS análise quantitativa**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PINHEIRO, R. C. S.; SANTOS, C. A. J. . Evolução urbana, cultura e turismo no Centro Urbano de Aracaju- SE. **Ponta de Lança**, v. 6, p. 46-67, 2012.

PIRES, L. B. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição especial n. 1, 2007.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

SANTOS, A. M.; ARAUJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. O “efeito gatilho” e a continuidade tópica: atuação do domínio tempo - aspecto – modalidade. **Signótica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 247-265, jul./dez. 2011.

SEBRÃO, S. **Fragmentos de Histórias Municipais e outras Histórias**. Vladimir Souza Carvalho (org). Aracaju, Instituto Luciano Barreto Júnior, 2003.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, n. 9, p. 1-17, 2008.

SILVA, H. B. **A africada alveolar na fala de duas comunidades fronteiriças no extremo sul do Brasil: uma análise variacionista**. 2009, 131 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-Sergipe**. 1. ed. São Cristóvão - SE: Editora da Universidade Federal de Sergipe (EDITORA UFS), 2014. v. 300. 187p.